

Atílio dos Santos Oliveira

Ramos Verdes Misteriosos

Vol. I



© by Atílio dos Santos Oliveira
Direitos autorais reservados
Edição eletrônica e capa: Rafael Porto / Willian Castro
Arquivo digitado e corrigido pelo autor, com revisão final do mesmo,
autorizando a impressão da obra
Editor: Rossyr Berny

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:
www.editoraalcance.com.br

O48r Oliveira, Atílio dos Santos.
Ramos Verdes Misteriosos - I / Atílio dos Santos Oliveira.
Porto Alegre : Alcance, 2011.
128 p.

1. Hermetismo . 2. Filosofia esotérica. I. Título.

CDU: 21
CDD: 201

ISBN: 978-85-7592-190-6



35 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 /EditAlcance



rossyr@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

O jogo das formas

Para além de mim
O Teu nome em cada forma.
Pássaro, pluma de algodão,
Concha marinha, seixo ou sinuoso caule.
Para muito além
O Teu silêncio,
Tua brisa serpenteando as montanhas e os mares

Para mais além,
Constelação dourada e anjos azuis
E fadas esverdeadas.

Nau voadora a Tua vida
renovada em cada hora...
E nas rugas havia.
O TEU nome infante...
Príncipe da espada azul e diamante rubi centrado!
E nos olhos, outro olho ainda olhava...
E havia os coqueiros esvoaçando na mesma brisa
As formas celebrando em pleno processo de formação!
Os ramos, afluentes rios dançando sobre a terra
E a terra ensaiando um novo passo na dança risonha...

Silenciosa expectativa pulsante!
O Príncipe sorriu e vibrou no sem forma a espada azul...

Oh vida!
E a semente se abriu...
Como falar essas formas?
Como dizer essas cores?
Se penso, oh mistério!
Quem pensa meu pensamento?
Como resolver essas formas?
E este silêncio... Quem o faz?

N. Rudolfo
do livro “A Alta Magia e o Jogo de Xadrez”

Nota editorial

Todo o conteúdo dos três volumes desta obra são compilações bibliográficas de trechos de livros de vários autores, à muito publicados amplamente no Brasil e no mundo, exceto as Notas do autor; onde ele insere os seus comentários sobre o assunto tratado; e os registros legais dos Estatutos e Regulamentos Gerais destas Instituições, transcritas no Registro Civil das pessoas jurídicas de direito privado, desta capital, na conformidade da lei vigente.

Por este motivo, tudo isto está de à muito ao alcance da mão de qualquer pessoa, e assim sendo não há, por parte do Autor, violação de qualquer compromisso eventualmente assumido com a Instituição Maçônica; razão por que o GRUPO INDEPENDENTE SOBRE ESTUDOS HERMÉTICOS, editando os três volumes desta obra, não viola artigo algum estatutário, costume, ou lei tradicional da Ordem.

Porto Alegre, RS - 2011

A Diretoria

Índice

Primeira parte

Capítulo I

As grandes religiões antigas18

Capítulo II

Totemismo e Animismo.....22

Animismo23

Capítulo III

As religiões antigas.....26

Complemento e conclusão.....48

Complemento49

Resumo50

Segunda parte

Capítulo IV

A moral maçônica.....51

Capítulo V

História geral da maçonaria.....57

Caracteres particulares da maçonaria58

I – Estrutura fundamental da sociedade humana.....59

Capítulo VI

Os mistérios69

Capítulo VII

O iluminismo79

Bibliografia consultada.....84

Capítulo VIII

O direito maçônico86

Capítulo IX
Do poder maçônico.....96
Divisão tripartita do poder.....97
Fontes do direito maçônico regular102
Bibliografia consultada.....104

Capítulo X
Teoria geral do Estado maçônico105

Terceira parte

Capítulo XI
Regularidade e Reconhecimento109
Raízes operativas do Estado maçônico.....113
O início do Caos114
Novas tentativas de união125

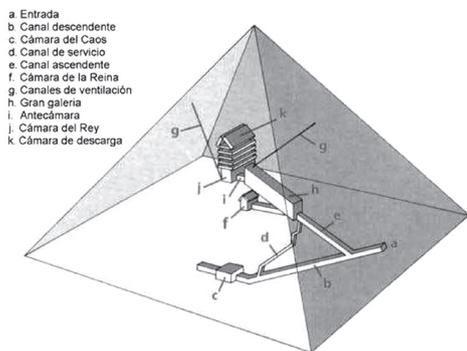
Ramos verdes misteriosos



Atilio dos Santos Oliveira



O segredo da Esfinge



Hoje em dia ninguém o contestará, no Egito é que é preciso procurar, gravados na pedra os mais antigos testemunhos do pensamento escrito.

Em muitos casos, as pirâmides egípcias serviram de túmulos, mas uma ideia mais elevada - deveria ter presidido a sua construção. Ademais o que poderia demonstrá-lo é precisamente a existência da maior delas, a de Keops, construída sob a quarta dinastia, que reinou cerca de 2.500 anos a.C.

A sua construção é exageradamente esmerada mas nela quase nada se encontra, traço algum de inscrições.

Parece, teve um revestimento de pedras de diversas cores, tão habilmente reunidas que davam a impressão de um só bloco da base ao vértice.

Gastou-se muito tempo para descobrir a entrada dos corredores que davam para as câmaras internas. Estas em número de três, recebiam nomes fantásticos: câmara do rei, câmara da rainha e câmara subterrânea. Elas não apresentam traço algum de decoração, nem indicação alguma que nos informe a respeito do fim a que se destinavam.

No lugar do sarcófago do rei, erguia-se uma pia de pedra maravilhosamente talhada.

A Grande Pirâmide, não é pois, um túmulo.
Então, com que finalidade foi levantada?
Mistério...

As primeiras revelações remontam aos fins do século XIII.
As diagonais do monumento prolongadas abrangiam perfeitamente o delta formado pela foz do rio Nilo; e o meridiano, isto é a linha norte-sul, passando pelo seu vértice divide esse mesmo delta em dois setores rigorosamente iguais.

Para a determinação do pólo não basta a indicação da bussola, porque no movimento da Terra o eixo aponta sucessivamente para pontos diferentes e à 25.800 anos a polar será Vega, o belo sol azul da constelação da Lira, e na época da construção da Grande Pirâmide a Polar estava na posição de uma estrela da constelação do Dragão.

Hoje percebemos que o meridiano ideal, é o da Grande Pirâmide, porque é o que atravessa mais continentes e menos mares, mas na posição observada de 30° há um erro, no meridiano de Greenwich, que a localização da pirâmide corrige para ($29^\circ 58' 51''$) que é a exata posição considerando o desvio da luz.

A quadratura do círculo é impossível, mas pode-se admitir, como valor aproximado da relação da circunferência com o diâmetro (3,1415925 ou 3,1416 valor do PI. Ora a soma dos 4 lados da base da pirâmide é $4 \times 232,805 = 931,22$. Dividindo-se por duas vezes a sua altura, teremos $931,22 / 2 \times 148,208 = 3,1416$ (PI) Na hora atual, podemos ter uma medida de comprimento precisa e invariável, baseada no valor do raio polar.

A plegada piramidal era muito vizinha da plegada inglesa, pois eram precisas 999 plegadas piramidais para 1.000 inglesas, então a plegada piramidal era 2mm,4264; e para o côvado piramidal ou sagrado, $25\text{mm} \times 25 = 63,5660$ e foi esse côvado sagrado que serviu aos Arquitetos para a construção da Grande Pirâmide.

A altura da Grande Pirâmide multiplicada por 1 milhão, acha-se a distância da Terra ao Sol (148.208.000 Km).

Os números 2, 3, 5, e 7, são essencialmente piramidais.

Imaginemos um triângulo tendo por base um raio terrestre e por vértice o centro do disco solar: o ângulo do vértice é o que os astrônomos chamam a paralaxe do sol. Então para determinar a paralaxe do sol. Colocando-se dois observadores nas duas extremidades do raio terrestre - se ambos observadores visam o centro do sol ao mesmo tempo, poderão separadamente determinar o valor dos ângulos na base desse triângulo. Assim o ângulo do vértice se deduzirá e o problema se reduzirá a trigonometria elementar. Achamos com aproximação, para a distância da terra ao sol, 149.741,000 km, e a distância da terra ao sol segundo a pirâmide é de 148.208.000 km. E assim se encontram também as distâncias entre a Lua e a Terra, o eixo da Terra e etc.

A avaliação precisa da distância da terra ao sol constitui verdadeiramente o problema capital de toda a astronomia moderna. Sua importância se revelará à sua verdadeira luz, se dissermos que de sua solução dependem, não somente as exatas dimensões do sistema solar, mas também as do universo que conhecemos.

A distância do sol a terra serve para o astrônomo, de unidade de medida; de modo que, um erro na avaliação desta grandeza se transmite em todas as direções, afetando tanto as distâncias que nos separam dos planetas de nosso próprio sistema, como também as dos astros mais visinhos, ou das estrelas, que compõem as zonas cintilantes da Via Látea.

Não é apenas o cálculo das massas que é afetado por essa avaliação: a massa de um corpo celeste é determinada efetivamente pela distância segundo as imortais leis de Newton, e como a distância entra geralmente nas equações de terceiro grau, o menor erro de unidade linear prejudicará grandemente os resultados.

Palavras Liminares

Este trabalho não é uma lição de valiosos ensinamentos, porque não creio que neste assunto, alguém tenha autoridade para ensinar, ou saiba de algo tão importante que mereça ser transmitido aos outros; mas senti uma compulsão irresistível, de colocar ao vosso alcance, os ramos misteriosos de uma árvore sem perfume e sempre verde, (mas de flores coloridas e perfumadas), que recolhi durante as caminhadas que fiz pelas veredas escabrosas deste mundo.

Realmente foram para mim muito importantes, porque enxertando uns aos outros, revivi a árvore sefírotica que oscila ao perpassar do zéfiro da tarde no Oasis da história, e à sombra dela estava o Mestre, que me guiou pelo caminho de seixos reconhecíveis; e entre eles encontrei uma pedra bruta...

Tanto a revolvi entre as mãos, tanto nela bati que se rompeu, e dentro dela encontrei a rosa azul encantada, com a beleza brilhante do orvalho do sol no amanhecer...

Então o Mestre me falou sem palavras, no meu íntimo, com a mudez eloquente dos gestos e desenhos, tudo aquilo que eu procurava entender...

Exausto e sedento, sorvi o vinho generoso da vida eterna no inefável cálice da alegria, que encontrei dentro da caverna tenebrosa de todos os mistérios...

Estes fragmentos por mim recolhidos durante esta minha “encarnidade”, são o resultado desta minha atribulada caminhada pela estrada sinuosa da minha vida, que deixo aqui ao vosso alcance, porque talvez vos sirvam como a mim serviram, para compreenderdes os fragmentos da realidade, necessários para recompor a Verdade que procuramos no deambulo da vida, nesta encarnação...

Entrementes, no silêncio tenebroso do deserto, à sombra da pirâmide de GISEH, Osíris observa nossas mãos calejadas pelo trabalho em rudes pedras, e vigia a nossa meditação sobre os enigmas da Esfinge...

...e aguarda a nossa resposta!



Capítulo I

As grandes religiões antigas

Diante de Deus juramos guerra mortal à escravidão e a miséria, os filhos gêmeos do mal! (Hino Maç. da Lj. União Constante, da cidade de Rio Grande - RS)

Aos Estudiosos

Para quem gosta de evocar o passado a história das religiões apresenta grande interesse porque aqui não são apenas os acontecimentos frequentemente medíocres que renascem, mas sim, as maiores ideias que os homens conceberam, os sentimentos mais complexos que eles sentiram diante da vida humana, do Universo e do Além.

A ideia tradicional sobre religião, pelo menos na Europa, é que ela é o culto votado à Divindade.

O maná, ordenado e personificado, é o conjunto das divindades politeístas, espíritos menos numerosos que os do animismo, porém, mais bem próximos do maná impessoal – Terra-Mãe, a Mãe Universal, Aditi da Índia, Anahita do Irã, Ishtar da Babilônia, Cibele da Frigia, Astarte e Baals da Fenícia e da Palestina, Nerto dos Germanos, Matres dos Celtas, Gê e todas as deusas dos Helenos, a Bonna Dea, dos latinos.

A medida que nas sociedades humanas, o homem prevalece sobre a mulher, as divindades masculinas vão adquirindo mais importância; - deuses da natureza, como Shiva, um Vishnu dos Índus, um Marduk babilônio, sobretudo deuses do céu, dos astros, no Egito, nas Índias, no Japão, no Irã, na Babilônia, entre os Celtas, na Grécia.

Um progresso na abstração desse universo, que é um, levamos a agrupar os deuses em um deus único, por isso o que se chama

comumente monoteísmo, não é outra coisa senão politeísmo hierarquizado no qual os espíritos subordinados trocaram a qualidade, pela de servidores do Todo-Poderoso.

Tudo se explica na vida religiosa, desde que se veja no sentimento religioso o sentimento do infinito, e na religião, um vínculo estabelecido entre o finito e o infinito.

A religião sempre se dirigiu ao espírito e ao sentimento.

Há uma religião da razão e uma religião do coração.

Na religião como na ciência, descobrimos a tendência fundamental que dirige todos os homens, todos os animais e os próprios vegetais, a tendência de ser e conservar-se com seu Ser - o instinto de conservação.

Há no homem a curiosidade, dando ao fiel a impressão de que ele conhece o Universo; que ele o conhece em suas origens e em sua profunda realidade.

Quanto à religião do coração, sua manifestação essencial é o Amor. Esse amor por tudo, desde os animais até Deus e a Vida Universal, faz desabrochar uma tendência de caráter positivo – a Simpatia, que impede o Ser de sair de si mesmo; ela pode para além dos seres finitos dirigir-se ao Ser Infinito.

Tal é o essencial da experiência mística.

A religião é um fato humano, tendo sido e podendo ser sempre uma influencia ora feliz, ora desagradável.

A ideia judaico-cristã de um deus único, dominando a natureza levou a concepção de um Universo submetido a leis gerais da ciência.

A ciência positiva se distanciou da religião e esta então opôs-se ao progresso da ciência.

A religião da razão faliu definitivamente.

A condenação da religião da razão, porém, não nos leva necessariamente a renunciar à religião do coração.

A religião não pode mais assemelhar-se a um conhecimento, mas a uma amizade. A vida nasce da vida; a vida moral, em cada um de nós nasce da vida social e dos que viveram antes de nós.

Uma tradição de postulados morais. Na tradição de seu meio, o homem pode encontrar modelos vivos, fundadores de religiões, heróis, legisladores, para os quais, uma geração, ou varias, sucessivamente erguem seus olhos como para a expressão mais alta da verdadeira Humanidade.

Do espírito encarnado emana o principio de liberdade a soberania individual e o fundamento da religiosidade.

É a religiosidade que estudaremos a seguir.

A religiosidade é perceptível no ser humano pela constante busca do entender o desconhecido superior, cuja mais supina emoção traduz-se pelo Ideal.

E este é tão importante em todos os atos da vida humana, quanto mais na Maçonaria.

O Ideal é a busca permanente e constante da perfeição, sempre almejada e jamais alcançada. Esse esforço gigantesco que o homem desenvolve durante toda a vida, é que o impulsiona para o sublime, tornando-o um HERÓI.

É, pois a virtude do heroísmo, a única virtude realmente humana que arrasta o espírito, de sua simplicidade, para a complexidade do conhecimento, e do sofrimento de viver, para a luminosidade da perfeição infinita.

É nessa busca de si mesmo, sepultado na barbárie da ignorância que Ele desenvolve o sentimento de religiosidade que jaz, latente em sua própria natureza, por isso o sentimento religioso é a mais complexa inclinação que se pode descobrir no fundo do coração humano.

Em torno desta tendência fundamental, agrupam-se todas as espécies e aspirações, de entusiasmos, de curiosidades, de pensamentos sutis sobre o além, todas as espécies de inquietudes dolorosas, e de exultantes alegrias.

Colocados assim, os termos fundamentais desta disciplina, examinaremos a origem mais primaria da religião – o Totemismo e o Animismo.

NOTA: Algumas pessoas fanatizadas pelo terror e a irracionalidade, consideram a Maçonaria uma sociedade secreta voltada para a conspiração política, e a blasfêmia religiosa, e assim, impondo aos seus adeptos, condutas reprováveis sob o terror penal de suplícios aos desobedientes.

Tudo mentira, calúnia e difamação, divulgadas por aqueles que desejam o pior para lhes ser melhor aos seus planos diabólicos...

Conhecidos e execrados, são eles, por todos os homens de bem em todo o mundo e durante toda a história!

A Maçonaria é uma sociedade civil de direito privado com seu Estatuto chamado Constituição, registrado no Registro de Pessoas Jurídicas cuja copia pode ser obtida por qualquer pessoa que o deseje.

Portanto existe na vida social respeitando as leis vigentes no país onde se instala e participa da sua história.

No Brasil, temos por gloriosa convicção, que o Brasil é um país que nasceu cristão, foi batizado na Igreja Católica Apostólica Romana, pela primeira missa celebrada em terras brasileiras quando os portugueses pisaram este solo bendito no ano de 1500, portanto somos espiritualistas por convicção e fieis a mensagem de Jesus Cristo, recebemos fraternalmente todos os religiosos, que nos trazem a contribuição de seus sentimentos mais elevados, de reverencia ao Grande Arquiteto do Universo.

Assim convivem harmoniosamente sob a nossa fraternal bandeira os judeus, os árabes os evangélicos, e as demais religiões existentes no mundo.

Aqui porem, não há lugar para os anarquistas radicais e os materialistas reformistas, que pretendem destruir os valores morais da nação, para imporem princípios contrários à Ordem e ao progresso, implantando o caos social para alcançarem seus objetivos secretos e criminosos de terror e escravidão.

Mas... “Ruja embalde a hipocrisia que se mascara de amor!”

Capítulo II

Totemismo e Animismo

Totemismo

Totem – Totemismo é a religião que subordina um grupo de homens chamado Clã à determinada espécie de seres sagrados, ou por vezes, coisas sagradas chamadas Totem.

Aplica-se o termo Totem à espécie de seres ou coisas que todos os membros de um Clã julgam sagrados. O Totem é também um símbolo – o Brasão de um grupo.

Outra ideia fundamental do totemismo é o Maná.

Maná – O Maná é uma força, uma influência de ordem imaterial e, em certo sentido, sobrenatural; mas é pela força física que ela se revela, ou então, por toda a espécie de poder e superioridade, que o homem possui. O Maná não é fixado sobre objeto determinado, pode existir em qualquer espécie de coisas...

Toda a religião do Melanésio consiste em alcançar o Maná, seja para dele beneficiar-se pessoalmente, seja para fazer outrem dele aproveitar.

E é a este princípio comum que se dirige na realidade o culto.

Em outros termos, o Totemismo é a religião, não de tais animais, ou de tais homens, ou de tais imagens, mas de uma espécie de força anímica e impessoal que se encontra em cada um dos seres, sem se confundir, no entanto com qualquer deles.

O Totem é apenas a forma material.

Encontra-se ainda no totemismo a ideia de Tabu, isto é de proibição.

Tabu – A palavra Tabu é polinésia – designa a instituição em virtude da qual, determinadas coisas ou certos atos, são proibidos.

O Tabu é a observância das proibições de culto negativo.

Certas cerimônias têm por objeto concentrar sobre uma única pessoa, um sistema completo de proibições.

É o que se produz na Austrália quando da Iniciação.

O Tabu visa essencialmente separar o sagrado do profano.

Não se pode viver uma vida religiosa um pouco intensa se não começar por retirar-se mais ou menos completamente às práticas rituais.

Resumo: - Religião é um sistema solidário de crenças e praticas relativas às coisas sagradas, isto é, separadas, chamada “Igreja” e a todos os que a ela aderem.

Os ritos miméticos estão ligados a crença de que o “semelhante produz o semelhante”.

É um primeiro enunciado do principio da causalidade – “as mesmas causas produzem os mesmos efeitos”.

Esta é uma das leis fundamentais da nossa razão.

Para os Australianos, cada corpo humano abriga um Ser interior, principio de vida, uma Alma.

A Alma de modo geral é o princípio totêmico encarnado em cada indivíduo – é o Maná individualizado...

Pode-se explicar assim, o fato de a Alma ser uma coisa sagrada, oposta ao corpo, coisa profana.

Desencarnadas as Almas tornam-se Espíritos.

A morte sobrevém quando a Alma abandona definitivamente o corpo.

No totemismo há três elementos fundamentais: 1) o Totem (ídolo). 2) o Maná (a Força). 3) o Tabu (a Lei ou proibição)

Animismo

Por Animismo pode se entender a religião que coloca em toda a natureza, espíritos mais ou menos análogos ao espírito do homem, foi a princípio chamado de “Fetichismo”.

A palavra “Fetichismo”, deriva do vocábulo português – feitiço, do latim “facticius”, coisa dotada de força mágica.

É impossível separar o Animismo das concepções religiosas que dele se aproximam, nele há algumas teses essenciais do totemismo, o Maná, o Tabu, a ideia de ancestrais míticos, semi-animais, semi-humanos.

E também, encontram-se sobrevivência do Animismo como Totemismo, a alma estreitamente ligada ao corpo, a certas partes do corpo.

A Alma pode deixar momentaneamente o corpo, sem que este morra; ela exerce sobre ele à alguma distância, ação de presença.

Para o primitivo, a individualidade não se detém na periferia de sua pessoa, ela se relaciona com as secreções e excreções - cabelos, pêlos, unhas, lágrimas, urina, excrementos, esperma, suor.

As práticas feitas nesses resíduos corporais, agem sobre a própria pessoa, da qual são partes integrantes chamadas – “Pertences”

A estes elementos de individualidade é preciso acrescentar as marcas que o corpo deixa sobre um assento, ou sobre o chão, em particular as pegadas.

Pertences são ainda – a sombra do indivíduo, seu reflexo na água, sua imagem (donde o receio de ser desenhado, pintado ou fotografado), e também o nome, as vestes, os utensílios constantemente usados, os objetos que um indivíduo possui e que em determinadas sociedades são queimados à morte.

A morte sobrevém porque a alma, principio de vida, abandona definitivamente o corpo, mas o espírito permanece ligado ao cadáver.

Os mortos têm necessidade de comer e de beber, e desejos de honrarias.

Creem que todos os mortos podem estar presentes e ausentes ou presentes em vários lugares ao mesmo tempo, e por isso podem aparecer aos vivos.

Tudo é invertido. Como para eles, nossa noite é o dia, é de noite que eles voltam à terra, e é de noite que é perigoso encontrá-los.

No entanto a sociedade dos mortos é dividida em Clãs como a dos vivos...

Pode-se dar que os mortos reencarnem, ou que eles desapareçam definitivamente.

Os primitivos não crêem na imortalidade.

A morte dos mortos é praticamente universal.

Consideram uma viagem em sonho, como realmente realizada.

Capítulo III

As religiões antigas

Não nos deteremos muito no estudo das religiões antigas, pois entendemos que isto pode ficar para mais tarde, deixando ao buscador a iniciativa de seu interesse intuitivo, mas uma delas, nos parece importante, por tratar-se de um monoteísmo tão encantador e mesmo surpreendente, trata-se da religião de Akenaton, no antigo Egito.

O monoteísmo

Amenhotep IV (ou Amenofis VI).

A religião de Aton - O sol

Aton é a personificação do Disco Solar.

Akenaton abandonou seu nome antigo significando “Amon está satisfeito,” e tomou o nome de Akenaton, que quer dizer “esplendor de Aton”

Este novo culto universal do SOL permitia estabelecer uma religião universal.

Ele não só destruiu os ídolos anteriores, mas propôs-se criar uma religião nova – a religião da Vida Universal.

O que o rei divinizava não era o Sol físico, mas todos os benefícios que o astro espalhava pelo mundo - é o calor, a luz que ilumina o universo e da qual o Sol é o foco mais poderoso.

Esta ação benéfica, esta energia vivificante, o Faraó a descobre por toda a parte à seu redor.

Ele reconhece a intervenção do seu deus, não mais somente na criação do mundo, ou nos acontecimentos maravilhosos, inexplicáveis isolados que se desenrolam ao seu redor; ele os percebe em toda a parte, em toda a vida que palpita na terra, em toda a beleza, em toda a alegria e em toda a felicidade que, graças

aos benefícios que o deus esparrama sobre o mundo, são recebidos por todos os homens que sabem contemplá-lo e apreciar a sua obra.

A liberdade e o amor da natureza são grandes ideias dessa religião, que resultam no amor entre as crianças e a alegria de viver. A intervenção de uma casta religiosa deixa de ser necessária, basta abrir os olhos, para descobrir o deus benfazejo.

Akenaton morreu aos 29 anos. Após a sua morte seu sucessor mandou destruir o nome de Aton e seus santuários e em seu lugar restabeleceu o nome de Amon.

O judaísmo

É a Religião dos Israelitas, ou Hebreus, ou Judeus. Israel é o nome dado à Jacó após a sua luta contra o Patriarca.

As 12 Tribos tomaram o nome coletivo de Israelitas que conservam, constituindo depois de Salomão, o reino do Norte de Israel. A palavra hebreu vem do vocábulo “hibri” (as pessoas do além), a palavra judeu (em hebraico, “Jehudi”) designava habitante do reino do sul ou de Judá, antes de ser estendida ao conjunto do povo.

O documento essencial sobre o judaísmo é o livro sagrado de Israel, o Antigo Testamento.

Os livros do Antigo Testamento são escritos em hebraico, com alguns trechos em aramaico.

Chama-se “Canon do Antigo Testamento”, a compilação oficial dos escritos que o constituem,

A edição oficial chama-se “Massorética”, em hebraico; foi redigida entre os séculos VII e X (d.C) e forma o Canon Judaico; e compreende aqueles mesmos livros dos quais a Sinagoga possuía o texto hebraico, pouco mais ou menos no Século I (a.C) é a tradução dos setenta (é sob esta forma que as passagens do Antigo Testamento são geralmente citadas no Evangelho).

Existe ainda um “Canon Católico Romano” baseado na

tradução da Bíblia em latim chamada “Vulgata” (terminada aproximadamente em 400 d.C) e um Canon Protestante.

Há divergências entre eles, tanto o judeu como o protestante não admitem livros de Tobias e de Judite.

Nenhum manuscrito original da Bíblia hebraica foi conservado.

No principio da era cristã, distinguia-se no Antigo Testamento - a Lei (ou Thora), os Profetas, e as outras escrituras (ou Hagiógrafos) isto é escritos sagrados.

A Lei compreendia 5 livros atribuídos a Moisés: - Gênese, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio. Os gregos chamavam a este conjunto o “Pentateuco” (5 volumes) Acrescentou-se o livro de Josué com o nome de Hexatêuco (6 volumes)

O Antigo Testamento contém os livros dos Profetas, além do “Cântico dos Cânticos”, os “Salmos”, o “Livro dos Provérbios”, o “Livro de Jô” e o “Eclesiástico”

Antes da sua fixação na Palestina, os Israelitas são constantemente chamados de hebreus pré-mosaicos. Eram Semitas nômades, vivendo sob tendas, criando gado. Dividiam-se em tribos, subdivididas em Clãs que compreendiam várias famílias.

Era a mulher que possuía a tenda onde o marido podia fixar-se junto dela.

Todos os membros do Clã consideravam-se do mesmo sangue e chamavam-se de Irmãos, e dava-se grande importância a pureza do sangue. A entrada para um Clã operava-se pela circuncisão, que tinha por fim fazer do rapaz um varão apto ao casamento; - a palavra, que designa “Noivo”, significa circuncidado, e era feita na puberdade; mas depois passou a ser executada na infância.

Enquanto os Cananêus, fixados ao solo, adoravam Baals locais, os hebreus adoravam Eloím, protetores de grupos móveis.

Antes de penetrar em terras de Canaã, os hebreus tinham mantido relações com a Babilônia e o Egito. Conta-nos também a história, de um descendente de Abraão, chamado Jacó (Israel),

estabelecido no Egito, com sua família, por um de seus filhos, José, tornado 1º Ministro de um Faraó

Mais tarde, oprimidos e constrangidos à penosos trabalhos, e a fabricar tijolos para as construções reais, os Israelitas fugiram, guiados por um deles, Moisés – é o Êxodo.

Moises foi unir as tribos israelitas num verdadeiro povo, pela fundação de uma religião nacional. IAVE será o deus de Israel, e Israel, o povo de IAVE.

No século XIV a.C, os Israelitas se fixaram no país de Canaã. Passaram então a serem, de beduínos nômades, para a se tornarem “felás”, fixados ao solo. Abandonaram a tenda pela casa, transformaram-se em agricultores, interessaram-se pela cultura das árvores frutíferas dentre outras.

Nômades, eles possuíam “espíritos” - “Eloim”, como seres sagrados. Moisés unificando as tribos adotou um desses Eloím do vulcão Sinai, que estava naturalmente relacionado com o fogo, o raio e o tremor da terra.

O trovão era a voz de IAVE, e ele aparece entre o fogo de uma sarça ardente.

A Palestina torna-se a terra de IAVE.

Há doravante um único deus – (monolatria) que ainda não é monoteísmo.

A monolatria é uma forma de politeísmo, pois até os séculos VII e VI a.C os Israelitas admitiam a existência de outros deuses nacionais, que os outros povos adoram com razão.

IAVE é um deus guerreiro nacional. O rei é ungido de IAVE, o grande sacerdote. Venera-se a Arca da Aliança, Tabernáculo onde se guardavam as Taboas da Lei Mosaica. Respeitava-se o sábado, não trabalhando no 7º dia. Celebravam-se festas campestres – a dos pães sem levedo (ou messes) e das cearas ou das primícias (primícia do frumento) a festa das semanas (as 7 semanas de Pentecostes), e a da colheita, ou do Tabernáculo, na época da vindima.

A Arca, feita prisioneira pelos Filisteus, havia humilhado o deus Dagão até em seu próprio Templo.

O deus que criou o mundo e o homem está bem próximo de ser o Deus Universal – o único do Universo.

Foi, sobretudo, no meio dos Profetas que se elaborou o monoteísmo moral, que faz IAVE ao mesmo tempo o deus universal, e o deus da Justiça absoluta.

Os Profetas Israelitas são publicistas fogosos, do gênero que chamaríamos hoje, socialistas e anarquistas. Eles são fanáticos de Justiça social.

Para os israelitas o deus de Israel deve tornar-se o deus da Humanidade, - os povos não devem ter mais que um só Deus, cujo universo é o Templo e a quem se venera pela Justiça.

A missão do povo profeta é a de revelar às outras nações o Deus único.

Desse momento em diante está fundado o Monoteísmo judaico.

IAVE conservando sua significação nacional será substituído pela palavra “Adonai” (Senhor).

Um traço característico da religião judaica é a esperança.

Os Profetas expõem o tema do re-erguimento futuro de seu povo, daí a esperança messiânica, a espera do Messias, que constitui um dos aspectos mais originais e mais profundos do judaísmo.

O advento desse mundo ideal não será de um soberano temporal, mas de um messias espiritual, que segundo Isaias chama de salvador, de IAVE.

É nele que Deus porá o seu espírito.

Os essênios

No século II a.C fundou-se uma seita comunista judaica - a dos Essênios.

Os Essênios levaram às últimas consequências a ideia absoluta de Justiça, característica de IAVE.

Renunciaram à toda propriedade pessoal, proibiram-se o ouro e a prata. Nenhum possuía terreno ou casas, habitavam em conjunto casas, sempre abertas aos camaradas que chegassem do estrangeiro. As vestimentas, os utensílios, as mercadorias conservadas nos armazéns coletivos, pertenciam à todos. Os Essênios só trabalhavam para proporcionar o mínimo necessário à sua subsistência. Dedicavam-se à agricultura e a pesca, mas não, ao comércio que desenvolve o gosto do lucro e o desejo de prejudicar o próximo.

Não havia entre eles, artesãos fabricantes de armas ou de objetos que pudessem servir à guerra. Não tinham escravos. Todos eram livres e iguais.

- O que não gostas para ti não o faça para teu próximo. Esta é toda a Lei, o resto é apenas o seu comentário. (Hillel).

A moral e a prática dos Essênios, as generosas ideias de Hillel (doutor da Lei a.C) prolongam a nobre aspiração dos maiores Profetas e preparam o Cristianismo.

O Cristianismo é a obra prima do judaísmo, sua glória, o resumo de sua evolução. (Renan)

Jesus, o último dos Profetas tornou definitiva a obra de Israel.

Em 70 d.C, após uma revolta contra Roma, Jerusalém foi tomada e destruída.

Em 126, os Judeus se dispersaram pelo mundo, e então se acrescentam ao Antigo testamento, outros livros sagrados – os Talmudes, que reúnem comentários sobre a Lei.

O primeiro é o Talmude de Jerusalém (Século IV). O Talmude de Babilônia, onde judeus se encontraram foi elaborado no século III a.C.

Outra corrente intelectual e sentimental de origem judaica é a Cabala.

No fim de século XIII e XIV, um judeu espanhol, Moises de Leon vendia a ricos correligionários, livros secretos contendo comentários da Lei.

Esses livros reunidos em 1304 constituem o ZOAR – o livro do esplendor, texto fundamental da Cabala.

A Cabala é um panteísmo otimista. Ela descobre Deus na Natureza e no Homem.

A Teosofia de hoje é, em boa parte, baseada na Cabala.

Os dramas, palestino e norte africano, serão resolvidos no dia em que se travar o dialogo, com os Muçulmanos vivendo verdadeiramente os ensinamentos do Alcorão, os Cristãos vivendo verdadeiramente os ensinamentos dos Evangelhos, e os Judeus vivendo verdadeiramente os ensinamentos dos Profetas de Israel..

O monoteísmo contribui para sugerir a ideia de um Universo, submetido a um conjunto de leis fixas; – ideia, que na ciência moderna, sobrevive à crença num Deus pessoal.

Moralmente contribuiu para criar um sentimento de fraternidade humana. Os característicos mais nobres desta religião são os traços visíveis entre os ensinamentos dos maiores Profetas e dos Essênios – essa aspiração à Justiça e ao progresso social.

Por isso o Messianismo judaico, separado de toda a concepção particular, pôde manter a esperança de vermos um dia, realizar-se na Terra, uma sociedade justa, fraterna e feliz.

NOTA: Como se vê, não é o que fazem os anarquistas modernos. Esta ideia anárquico-romântica do comunismo exige, para ser realidade, uma moral rigorosa; a crença na imortalidade da alma; e a fé inabalável nesse Ser infinito e eterno de onde emana toda a Verdade.

Exige, como fundamento básico, o estrito cumprimento do DEVER moral e social, de responsabilidade de cada pessoa.

Isto só é possível numa sociedade de perfeitos, onde a fraternidade é o único sentimento da coletividade universal.

Nunca o materialismo alcançará esse ideal tão puro e elevado, porque o progresso material estará muito além da consciência coletiva desses valores éticos, fundamentos da civilização humana

O cristianismo

Na confluência do misticismo oriental, do misticismo judeu, do pensamento grego e do universalismo romano, surge o Cristianismo.

Cristianismo é a religião dos cristãos, é uma religião monoteísta que coloca em primeiro plano, a comunhão com Deus, - o Pai, por intermédio do Filho – Jesus Cristo, o Salvador da Humanidade. A palavra Chrestos é a tradução grega do nome hebraico - Messias, isto é, consagrado pela unção. Para compreender o cristianismo, é necessário estudar seu livro sagrado – a BÍBLIA, a personalidade de seu fundador – JESUS, a doutrina comum às suas Igrejas; a moral que dela deflui; o culto e a organização eclesiástica das diferentes confissões que reclamam esta fé.

O livro sagrado dos cristãos é a Bíblia. Ela contém, além do Antigo Testamento, o Novo Testamento.

Testamento é tradução de Aliança entre Deus e a Humanidade. É escrito em grego vulgar com algumas frases em aramaico.

Chamam-se livros Canônicos (Cânon = Regra), as obras reconhecidas pela Igreja com base na fé cristã.

São os 27 textos gregos que compõem o novo Testamento, isto é os 4 Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, e o Apocalipse de São João.

É a ética do amor cristão ampliada até o universal.

Crêem que a Bíblia é a palavra de Deus.

O Concílio de Trento em 1546, proibiu por em dúvida a inspiração divina da Bíblia.

Repelindo a autoridade do Papa, os Protestantes insistiram mais sobre a autoridade do Livro Sagrado.

Um número crescente de sábios aplica ao Novo Testamento, como ao Antigo, os processos críticos, com o auxílio dos quais se costumam estudar os textos aos quais se trata de aplicar as regras comuns da crítica.

O termo Evangelho, não é a apenas cristão, significa uma boa-nova, uma recompensa dada a um portador de boas notícias.

Embora existam mais de 60 Evangelhos, há apenas 4 reconhecidos como Canônicos – os de Mateus, Marcos, Lucas e o de João (Evangelista).

Quatro é um número místico, e corresponde aos 4 pontos cardeais.

Mateus (Levi) seria um publicano, isto é um aduaneiro, convertido por Jesus, e tornado um de seus apóstolos; Marcos teria sido filho de Maria, uma mulher de Jerusalém, em casa de quem se reuniam os primeiros cristãos, e teria sido também um colaborador do apóstolo Paulo, depois o secretário do apóstolo Pedro; Lucas teria sido um médico, companheiro de São Paulo; João seria o discípulo preferido de Jesus, à quem este sobre a cruz, recomendou sua mãe, e que viveu em Éfeso, onde redigiu seu Evangelho, antes de escrever, em Patmos, seu Apocalipse.

Assim os Evangelhos teriam por autores, duas testemunhas e dois colaboradores íntimos daquelas. Consideram-se geralmente os Evangelhos como livros anônimos.

Reuniram-se sob o título de Evangelhos Sinóticos, os de Mateus, Marcos e Lucas. Notando-se estreitas relações entre eles, o que permite uma visão conjunta deles; se opõem dessa forma, ao Evangelho segundo João, que tem caráter diferente.

Assim há uma diferença doutrinal e algumas contradições.

Alguns críticos supõem a existência de um 5º Evangelho – o de Marcion.

Este seria um grande cristão herético do começo do século II; filho de um Bispo, foi educado na religião cristã. Procurou resolver o problema do mal; foi educado supondo a existência de dois deuses – um mau, o do Antigo Testamento – o Criador, aquele que produz o mundo visível; é o responsável pela queda de Adão; e o Deus Bom – criador dos seres invisíveis - o Deus do Novo Testamento, este em sua clemência decidiu salvar o homem oprimido pelo Deus mau.

Desceu à Terra sob a forma de Jesus.

Este Evangelho teria sido composto numa comunidade pauliana da Ásia Menor, ou Grécia, por volta do ano 134 e teria feito nascer o Evangelho de São Marcos.

O Evangelho de Marcion ou de Marcos teria produzido o Evangelho de São Mateus, no Oriente, provavelmente, mas o autor cuja concepção é oposta a de Marcion, dirige-se aos judeus para convertê-los e procurar demonstrar que Jesus é o Messias de Israel, prometido pelos Profetas.

Finalmente em Roma, em 150 d.C, um secretário da Igreja apresenta uma apologia do Cristianismo sob a forma de uma história, - é o Evangelho de Lucas, cujo livro dos Atos é a continuação.

Não há atualmente, nenhuma teoria sobre os Evangelhos, que seja unanimemente aceita.

As epístolas de Paulo desencadearam vivos debates, todas teriam sido modificadas por autores diferentes, de inspiração oposta, ora marciônica ora anti-marciônica.

O Apocalipse seria verdadeiramente de João dirigido contra o Apóstolo Paulo e seus discípulos. Não existe distinção essencial, nem separação absoluta entre os Evangelhos, as outras epístolas e o Apocalipse canônico e os outros Evangelhos; as outras epístolas e os outros Apocalipses.

Os escritos canônicos são raramente a obra autêntica daqueles à quem são atribuídos.

São obras humanas. É impossível considerar esses livros como a palavra de Deus.

Por volta de 1945 d.C, no alto Egito, os “falas” escavando antigos túmulos para recuperar esterco, descobriram uma jarra contendo 14 volumes em língua copta.

A jóia da coleção é o Evangelho segundo S. Tomaz.

É uma serie de “LOGIA”, palavras emprestadas a Jesus, algumas das quais são inéditas.

Ao centro da palavra cristã, está a personalidade de Jesus. Nasceu em Belém, sua família é de Nazaré. Família modesta. Seu pai carpinteiro. Ele aprende o ofício, foi batizado por um Profeta anterior – João Batista, que anuncia a vinda do reino de Deus.

Torna-se Rabbi – pregador popular. Tem uma grande nova a comunicar. Descobriu que uma vontade amante envolve o mundo; que ela é para todos os homens, para todos os seres, o que o pai é para todos os seus filhos; que Deus é o Pai de todos os homens, e de todos os seres. Prega que o amor não para nas fronteiras dos povos, nem das seitas. O amor é a grande Lei.

Precisamos reconciliar-nos com todos; entrar em acordo com os adversários, amar os inimigos, perdoar, abster-nos de resistir ao mau. Evitar julgar os outros. Não basta não fazer o mal aos outros, é preciso fazer-lhes o bem, imitar a generosa bondade do Pai celeste. Tal é a doutrina de Jesus ensinada por Ele, ora ao ar livre, ora nas Sinagogas. Os sacerdotes detestavam Jesus, cuja moral ameaçava seus preconceitos e interesses; temiam que os romanos se alarmassem com a agitação provocada pela sua presença, e destruíssem o Templo, fonte de suas riquezas e honrarias. Quando Jesus entrou em Jerusalém, o Soberano Sacrificador Caifáz, reuniu os principais dos Sacrificadores e os Fariseus e disse-lhes: - Menos vale a morte de um homem que a ruína de um povo. A morte de Jesus foi decidida. Após a prisão e julgamento de Jesus, este foi crucificado no Gólgota e morto. Maria Madalena e duas santas mulheres, voltando, após três dias ao túmulo em que havia sido

colocado o corpo do Senhor, encontraram-no vazio, Jesus então apareceu a Maria Madalena. Havia ressuscitado.

As aparições de Jesus após a sua morte, pelos testemunhos é uma verdade incontestável.

A história de Jesus é uma representação coletiva de natureza sagrada; mas o problema criado pela personalidade Jesus ainda não encontrou solução a todos os espíritos.

Convertidos a adoração de um Jesus histórico ou de um Jesus ideal, alguns judeus aproximaram-se dos outros - é a primeira Igreja.

Em seguida o Cristianismo é pregado aos pagãos e aos gentios, pelo Apóstolo Paulo, e torna-se uma seita grega do judaísmo. Absorve tudo quanto pode assimilar ao mesmo tempo, da religião judaica e da filosofia grega. Assim se formou a religião que aspirava tornar-se a religião universal.

O Cristianismo afirma primeiramente, a existência de um Deus único – Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra; e que pode ser conhecido pela luz natural da razão humana. É anátema, aquele que declarasse o contrario (Concilio Vaticano) Ao lado de Deus, a fé cristã, coloca o filho Jesus.

A estas noções fundamentais, junta- se a ideia do Verbo.

Ao lado do Pai e do Filho, existe o Espírito Santo.

Em Israel, o Espírito é o sopro de Deus, o Gigante de face Humana.

Mas, para os pagãos convertidos é ele que, intervindo sob a forma de Pombo, como Júpiter se aproxima de Leda disfarçado de Cisne – realiza sobre Maria a função geradora. Para os cristãos é um cognome do Verbo.

Somente no IV século, o Espírito Santo torna-se uma pessoa distinta e, no entanto, consubstancial ao Filho. O Pai não é criado nem gerado. O Filho é gerado por Deus, o Espírito Santo, procede do Pai; o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas em uma só, co-eternas e idênticas entre si.

É a Trindade.

Deus opõe-se ao Diabo. A falta de Adão e Eva é o pecado original. É Santo Agostinho quem dá a esta concepção, uma importância de primeira ordem. Jesus encarnou-se para resgatar a Humanidade pelo seu sacrifício voluntário.

É o grande drama da redenção.

O problema da moral cristã.

Existe uma moral cristã?

O Evangelho contém concepções opostas sobre problemas teóricos – abolição ou manutenção de velhos ritos, relação da moral e da fé, liberdade humana, natureza das sanções, de sobre problemas práticos – casamento ou celibato, manutenção do abandono da vida familiar, relações com o Estado, etc.

Estas divergências puderam ser explicadas pelo fato de que a moral é tida como uma criação de meios sociais: - ora, havia na Igreja, no momento em que foram redigidos os Evangelhos, meios economicamente e intelectualmente bem diversos.

Ela é como todas as outras, uma obra humana.

NOTA: Nós pensamos que a moral verdadeira, é uma só. Ela pode ser compreendida e exercitada pelo modo de entendimento de cada povo em cada grau de sua evolução espiritual, no tempo e no espaço, mas toda ela se compõe de princípios comuns a todos os seres humanos e deles emanam, as suas normas de conduta. Por isso sempre que se aceita um neófito, desde os Mistérios Antigos, se inquire dele, para saber se ele pensa e se conduz habitualmente segundo a conduta daqueles que compõem a comunidade, onde pretende ser admitido. Constatada essa igualdade de costumes, é aceito; rejeitado se não houver coincidência unânime, dos costumes dele, com a conduta admitida como boa, tradicionalmente, pelo grupo.

Podemos reduzir a duas, as tendências contraditórias que arruinam a beleza cristã: - uma a intelectual ascética e intolerante, outra sentimental, otimista, liberal.

Opor-se-iam então um Cristianismo da RAZÃO e um Cristianismo do CORAÇÃO.

O Cristianismo da Razão ordena a prática do ascetismo, julga a beleza perigosa e a nudez imoral. Condena o amor sentimental e sensual: - volúpia sexual é uma impureza, uma sujeira. A mulher peca ao conceber. O amor fora do casamento é o mais grave pecado.

A Igreja condena com intolerável orgulho toda a atividade do espírito exercida fora do domínio delimitado por ela. A religião cristã é a Verdade revelada por Deus, abre a vida futura sobre a natureza, sobre o homem, sobre a sociedade humana.

As afirmações contrárias aos dogmas da Igreja são mentiras, crimes, ofensas à Vontade divina que não podem ser toleradas; devem ser severamente castigadas e impedidas por todos os meios.

O Cristianismo da Razão vai desaguar necessariamente, logicamente na INTOLERÂNCIA.

A história revela os crimes inumeráveis desta intolerância cristã – perseguição dos pagãos, de judeus, de heréticos, de sábios independentes, de filósofos – Inquisição!

As Igrejas, aliando-se aos Estados nacionais, aceitam a guerra, abençoam os exércitos, aprovam as expedições coloniais, defendem os interesses dos ricos, condenam o socialismo e o comunismo.

O Cristianismo do coração é completamente diferente. A Fé, a Esperança e o Amor, permanecem; mas ao amor cabe ênfase, por ser considerada a maior de todas as virtudes.

Em nome do amor cristão, o protestante Sebastian Castellion censura a execução de Michel Servet – queimado vivo por ordem de Calvino, por causa da Trindade, e coloca o principio da tolerância em matéria religiosa (Sec. XVI).

No Sec. XVIII, o padre Gregoire reclama os direitos iguais para os judeus e os negros.

O espírito cristão impele grande número de crentes a desejar uma sociedade de trabalhadores livres e iguais, onde a miséria desaparecerá.

É o caso, já no século XVI, de um grande utopista socialista, canonizado em 1935 - Thomaz More (Morus).

O espírito cristão leva a condenar a guerra e o nacionalismo odioso, que conduz ao massacre de homens que deveriam amar-se fraternalmente.

NOTA: “Podemos concordar com todo esse maravilhoso ideal, mas temos de reconhecer que para ser possível realizar esta perfeição no mundo, é indispensável que a Humanidade evolua espiritualmente adotando e observando uma rígida moral e uma indissolúvel amizade, solidaria e tolerante. Outrossim, entendemos que a nação é o lar, e a pátria onde nascemos - é o nosso domicílio... Esta é a nossa opinião.”

Enquanto o cristianismo da razão é conservador ou reacionário, nacionalista e belicoso, o cristianismo do coração é igualitário, espiritualista, socialista ou comunista, internacionalista e pacifista.

O culto cristão pode ser privado ou publico, comporta a prece privada ou publica, a invocação do nome de Jesus e a Comunhão.

Os primitivos cristãos contavam com a volta de Jesus. Como esta vinda demorava, a Igreja organizou-se.

Dessa forma estabeleceu-se uma pequena hierarquia. – há os Antigos ou Decanos (presbyteri); Vigilantes (episcopi); Camaradas, homens encarregados de socorrer os desgraçados; Diáconos e Diaconisas, ou Irmãs.

A partir do século II, os Presbyteri e os Episcopi adquirem importância crescente. Consideram-se os únicos representantes da Igreja. Um dos dirigentes torna-se o Chefe da Igreja e fica a testa dos Presbyteri ou Sacerdotes, daí por diante é o único a ter o título de Episcopus - o Bispo.

Desde então o Bispo é o único sucessor dos Apóstolos, o Fiel, desapareceu totalmente. A autoridade apostólica supostamente transmitida pela imposição das mãos sufoca a autoridade da comunidade.

Depois os bispos de diferentes Igrejas, entrando em contato, uns com os outros, constituíram a Igreja Universal, numa espécie de hierarquia que terá assembleias, censurará seus próprios membros, decidirá as questões da fé, e sozinha formará um verdadeiro poder soberano.

À primitiva Igreja, sucede a Igreja Católica, isto é Universal, chamada pelos protestantes a Igreja Católica de Roma.

Dela se desligarão as Ortodoxas e depois, as Igrejas Protestantes.

A Igreja romana é a religião dos povos latinos do Mediterrâneo, da Irlanda e da Alemanha do Sul. As Igrejas Ortodoxas são as da Europa oriental e o Protestantismo domina entre os povos da raça germânica na Europa do norte.

A Igreja católica é uma sociedade poderosamente hierarquizada. No ápice dessa hierarquia reina o Papa, que tem origem divina. Em 1870 o Concílio Vaticano, proclama a infalibilidade do Papa em matéria religiosa.

Abaixo do Papa estão os Cardiais, os Arcebispos, os Bispos, os Clérigos, cuja reunião forma o Clero.

O monarquismo vindo do Egito espalha-se pelo ocidente, a partir do séc. V.

Os Fiéis, os leigos devem deixar dirigir-se pelo Clero.

A doutrina católica reserva papel eminente à Virgem Maria, à qual acabou por admitir a concepção imaculada.

Os sacramentos são ritos destinados a proporcionar aos fiéis a vida cristã, ou a desenvolvê-la neles, São 7: - Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Casamento, Ordenação, Extrema-Unção.

Os fiéis devem confessar-se aos padres. Devem abster-se de carne, às sextas-feiras e frequentar a missa. No rito católico a missa é essencial e realizada em latim.

Poder-se-ia, voltando ao argumento contra o catolicismo, sustentar que suas Instituições, seus dogmas e seus ritos não podem provir de um Deus – são obra humana como as heresias.

A Igreja Oriental que se classifica como ortodoxa, separou-se definitivamente da Igreja católica nos meados do século IX, havendo o cisma final sido precedido de rupturas parciais. O Espírito Santo procede somente do Pai; não do Filho.

Repete a ideia do purgatório, da imaculada concepção e da infalibilidade papal. Os padres são casados. O culto é feito na língua do país, sob as formas arcaicas.

No Kurdestão, os Nestorianos ligam-se à um Patriarca no sec. V Nestorio sustentava que Jesus não era Deus nascendo da Virgem Maria, foi posteriormente, que o Verbo, se uniu à sua natureza humana.

Outros dissidentes são os discípulos de Eutiques, sustentando no século V a existência em Jesus, de uma única natureza - a natureza divina; é a tese das Igrejas Monofisistas, do Egito, da Etiópia, da Síria e da Armênia.

Na Idade Média a Igreja romana afasta-se da Igreja primitiva, os soberanos sofrem com pesar a dominação espiritual de Roma, os bens de raiz acumulados pelas igrejas suscitam certas cobiças; estas causas de ordem moral, política, econômica provocam no sec., XVI – a REFORMA.

O pretexto é a oposição de Lutero ao tráfico de indulgências.

Então todas as Igrejas ditas protestantes reclamam a Reforma, repelem a autoridade do Papa e se organizam de maneira democrática, os leigos contribuindo para a escolha dos pastores.

Os Fiéis não têm necessidade de intermediário eclesiástico para unirem-se a Deus – é o sacerdócio universal. A autoridade suprema é a Bíblia onde cada um pode procurar os elementos de

sua crença. Não há dogma imposto. Não se acredita na concepção imaculada da Virgem, nem nos Santos, nem no purgatório. O culto se pratica na língua do país. Os fiéis comungam sob duas espécies.

Sempre se opõe nas Igrejas protestantes uma direita ortodoxa, mais tradicionalista ou mais mística.

Distinguem-se: a) as Igrejas Luteranas da Alemanha e dos países Escandinavos. b) as Igrejas Calvinistas da França, da Suíça, da Holanda. c) a Igreja Anglicana da Inglaterra. d) a Igreja Presbiteriana da Escócia.

Existem ainda no Protestantismo especialmente na Inglaterra, e nos Estados Unidos, extrema abundância de seitas diferenciadas por certas ideias ou certos usos; - os Batistas que repelem o batismo das crianças e batizam os adultos por imersão total; sua organização lembra a da primitiva Igreja; condena o uso do julgamento e o serviço militar; os Metodistas, que propõem um método para chegar a salvação pela leitura da Bíblia e a purificação interior. - a Sociedade dos Amigos ou “Quakers”, que se opõe à mentira e à guerra e se distinguem pela luta contra a escravidão; - os Mórmons que justificam a poligamia, até renunciarem a ela, quando foi considerada legalmente proibida: 1 - os Unitários que reclamam uma liberdade religiosa ilimitada, insistindo sobre o aspecto moral de um cristianismo sem dogmas inteiramente penetrado pelo espírito panteísta. 2 - Os Salvacionistas que se propõem elevar material e moralmente as classes mais deserdadas da sociedade 3 - Os Cristian Scientists adeptos do Christian Science (Ciência Cristã) que considera toda a doença uma consequência de uma convicção errônea, declaram cura- lá pela revelação divina da verdade, negando que a matéria, o pecado e o mal, sob todas as suas formas, sejam a realidade do Ser etc. 4 - Os Teósofos, que procuram unir o Cristianismo, o Hinduísmo e o Budismo, acrescentando-lhes certas ideias tomadas de empréstimo à Cabala judia e à outras religiões.

O Cristianismo não é uma religião essencialmente diferente das demais.

A Bíblia é uma obra humana como todos os outros livros sagrados.

O aspecto mais tocante da paternidade divina é a sua consequência lógica - a fraternidade humana.

Sob este ponto de vista, o espírito cristão pode contribuir para abalar uma sociedade aviltada pelas injustiças e desigualdades, pela miséria, pela dominação do ouro, pelo ódio e pela guerra.

Pode contribuir para o aparecimento de uma Humanidade pacificada, onde todos trabalharão para todos e repartirão entre todos, os produtos do trabalho de todos, e onde todos os povos de todas as raças, igualmente livres unir-se-ão fraternalmente.

NOTA: Este parece ser o ideal das sociedades iniciáticas, que ocultamente trabalham nas entrelinhas da história, retificando a pedra da civilização, para que ele se torne realidade na sociedade humana, e brilhe finalmente como Sol fraternal de liberdade iluminando igualmente à todos e enchendo o mundo de alegria.

O islamismo ou Maometismo

A palavra Islame quer dizer abandono a Deus. Esta é a mais nova das grandes religiões.

Nasceu na Arábia, no século VII. Os Árabes eram a maioria da população. Eram Semitas nômades, na maioria; havia também Judeus notadamente em Hedjaz e Cristãos monofisitas ou nestorianos, Etíopes, sobretudo no Iemém. As crenças e os usos dos Árabes pré-islâmicos assemelhavam-se muito aos Hebreus pré-mosaicos. Estavam divididos em tribos. A filiação fazia-se aí, a princípio na linha feminina: - a tenda era então propriedade da esposa. Depois passou a ser da linha masculina. Os jovens varões entravam para a vida social pela circuncisão, entre os 6 e 15 anos. O Animismo era encarado entre os Árabes Pré-islâmicos

como uma força sobrenatural comparável ao Mana chamada Ilah, penetrava determinadas localidades e montanhas.

Acreditavam em espíritos (djim) alojados nas árvores, nas pedras e nos astros. Veneravam-se alguns monólitos elevados. Em Kaaba, templo cúbico de Meca, adoravam uma pedra branca, mas principalmente uma pedra negra. O Animismo era acompanhado pela magia. Acreditava-se no mau-olhado, no poder de certos gestos, nas imprecações, nos filtros de amor, na utilidade dos amuletos. Havia um Allá feminino Alila. Adoravam os astros Venus e a Lua. Os sacerdotes guardavam os lugares santos. Haviam, Adivinhos e Inspirados, os (Kahin). Em alguns meios começava a surgir a ideia de um deus Supremo – Allá (al ilah). Essa ideia provinha sem duvida das gentes das Escrituras. Judeus e Cristãos, cujo livro sagrado, afirmava a existência de um único deus. Em Meca, em Iatribé (Medina), alguns homens de espírito livre e coração piedoso – os hanifs, almejavam uma religião nova; um monoteísmo que não se confundisse absolutamente com o dos judeus ou dos cristãos. A estas aspirações responde Maomé, o fundador do Islamismo.

O texto sagrado do Islame é o Alcorão, palavra que significa recitação ou lição de leitura. Compõe-se de 114 capítulos ou suratas, ou suras. Os Árabes o consideram a palavra de Deus. Esta palavra existe no céu, para toda a eternidade, e foi revelada pelo anjo Gabriel ao profeta Maomé.

NOTA: Seria esta palavra uma alusão a história contada pelas figuras que compõem o Zodíaco, encerrando uma mensagem escrita no céu, que é necessário decifrar, e que foi entendida pelo Profeta Maomé?

Maomé ou Moahaméd (o Louvado), nasceu em Meca em 570, foi pastor e cameleiro, casou-se com Kadidja, uma viúva rica, 15 anos mais velha do que ele. Ele tinha alguns conhecimentos das concepções judias e cristãs através do forro Zeid que representa

o judaísmo segundo as tradições dos rabinos e do cristianismo de acordo com certos Evangelhos apócrifos.

A doutrina Muçulmana é uma espécie de síntese religiosa. A tese essencial é a afirmação de um Deus único. O fatalismo maometano exprime-se pela fórmula: – Estava escrito!

Deus é o soberano Juiz. Aos Companheiros da direita – jardins de delicias. Aos Companheiros da esquerda, um vento que queima, porque não se abandonaram à Deus.

O abandono à Deus deve manifestar-se pelo cumprimento de 5 Deveres essenciais - As 5 Colunas do Islame: 1) A Confissão de Fé. 2) Salat (exercícios religiosos) 3) Zakat, esmola, beneficência. 4) Jejum durante o mês de Ramadan 5) Hadji, peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida. Devem se abster de carne de porco, bebidas alcoólicas fermentadas, imagens e jogos de azar, Conservam a adoração dos espíritos pelo culto aos santos e a circuncisão.. A poligamia limita-se a 4 esposas. A mulher deve permanecer no lar e sair velada, mas glorificam a maternidade – O paraíso está ao pé das mães. (Maomé).

A guerra santa contra as a infidelidades pode se tornar um Dever.

Não existe clero hierarquizado, nem Papa nem Concilio. Há apenas um Diretor de Preces Públicas (Iman) e um Arauto anunciador da hora da oração (Muezzin).

A autoridade principal é a dos Teólogos eruditos em matéria religiosa, os Ulemás (Conhecedores), dominando bem o Alcorão e capazes de interpretá-lo.

O Islame divide-se em dois grupos: O Sunitas ou Sounitas, são ortodoxos fiéis a tradição (suma), completam o Alcorão.

Os Xiitas que formam um grupo à parte (sai, quer dizer seita, Siitas).

Os Xiitas na Pérsia pensam que Maomé não é o último dos Profetas. Há outros, - seu filho adotivo e genro Ali e seus dois filhos Hassan e Hossein martirizados pela fé.

No mês de marran, celebram como a paixão de Cristo, esse fato; mas chorar sobre seu deus redentor é sentimento quase estranho ao Islamismo árabe, religião puramente viril, feita unicamente por homens...

Os Xiitas criaram a virtude paciente na pessoa de Ali e de seus filhos, sem imitação da Paixão cristã, mas apoiando-se sobre os mesmos sentimentos.

O Islamismo humanizou-se no Xiísmo e também num certo numero de seitas como o Sufismo.

O Sufismo é um movimento místico que data do século VIII e que se desenvolveu sobretudo na Pérsia. A palavra “Sufi” designa o capote de lã grossa usado então pelos pobres ascetas e adotado pelos primeiros representantes desta doutrina. No sufismo penetraram elementos hindus e búdicos, além de gregos neo-platônicos; a síntese religiosa que é o Islame, torna-se ainda mais completa e acabada.

O Sufi descobre deus que penetra tudo e está em tudo, dentro de si próprio. A Alma sedenta é o camelo que se apressa em direção à Meca, é o rouxinol amoroso da rosa. A santidade é a união com Deus.

Na Índia no século XV, funda-se a seita dos Sikhs, que aproxima a doutrina muçulmana de certas fórmulas hindus, o Grão Mongol Akbar, tenta conciliar com o Islame as Religiões Hindus, o Judaísmo e o Cristianismo.

No século XIX, os Babaístas de inspiração Sufi, erguem-se contra a corrupção do clero e as iniquidades da organização social. Seu chefe Bab, que despertou vivo entusiasmo, foi fuzilado em 1850.

Um de seus discípulos, Baha- U- Llab, funda o Bahaísmo, religião mais pura que prega a igualdade e fraternidade humanas. A sociedade de História Nova (New History Society) que tem sua sede em New York, propõe-se o duplo objetivo de estabelecer os estados Unidos do Mundo e uma religião universal. O Bahaísmo nascido no Islame apresenta-se como uma religião universal.

Complemento e conclusão

A Religião universal a que parece conduzir-nos ao estudo histórico das religiões particulares, já existe em algumas consciências, mais obscuramente sentida do que claramente formulada.

Talvez esta religião universal se organize algum dia, em uma instituição destinada a satisfazer a eterna necessidade religiosa dos corações. É o que nos parece pretender a Maçonaria, quando prepara o homem escolhido para a liderança social, transmitindo-lhe estes ideais concebidos e visualizados pela Humanidade em sua história, buscando uma fé superior em relação à verdade, em dilatada inteligência, em espírito de justiça e de paz e em pleno amor, reunindo assim os elementos que a Maçonaria transmite aos irmãos em uma livre filosofia do Bem.

À tal fraternal amizade, algumas almas tem o direito de ligar sua vida moral; o direito de crer nela e de considerá-la inspirada pelo divino Modelo.

Elas tem o direito de se sentirem interiormente auxiliadas por esse maravilhoso exemplo, e por ele encorajadas a amar ainda mais as outras almas, toda a Humanidade, o universo e a realidade total.

A religião universal então seria uma contribuição de todas as religiões correspondendo assim a uma moral planetária, reunindo o melhor das tradições de todos os povos, e vindo terminar em regras validas para todas as consciências humanas.

NOTA: Ao concluirmos esta transcrição do valioso livro sobre as religiões, queremos dizer que hoje em dia tanto mais se avolumam no pensamento humano as conquistas da tecnologia e se desvendam mistérios interplanetários tanto mais o Maçom, não pode ficar alheio a esse turbilhão de conquistas científicas que estão transformando rapidamente a realidade; e é preciso que nos recordemos das lições mais remotas e elementares, quando

a juventude, ainda escrevia em lousas com lápis de pedra... e devemos compreender que hoje estamos na era do computador, e não podemos esquecer que o homem tem de desenvolver as suas faculdades mentais e não deixá-las embotadas pela utilização de máquinas sofisticadas.

Não se pode, no alvorecer do 3º milênio, mergulhar na preguiça mental e na exaustão dos sentidos...

Isto não seria uma conduta maçônica.

Por isso o nosso objetivo ao tratarmos deste assunto, não é trazermos o tema religioso ao debate dos Irmãos, mas apenas mostrar-lhes o panorama das Instituições religiosas no mundo atual desde a sua formação, para mostrarmos que estão corretas as lições que recebemos, quando se fala que o mais primitivo selvagem reconhece e louva o seu Criador segundo a sua maneira de entendê-lo.

Convido pois, todos os bons e fiéis Irmãos, ao estudo e meditação do nosso simbolismo e da liturgia inalteradas do Rito, para que talvez, possam também entender como eu, a mensagem contida nele, desde a mais remota antiguidade...

... mas eu respeito a liberdade de pensar de cada um...

Complemento

Disposição dos povos antigos no velho Continente:

Zona Setentrional:

Setentrionais: Germanos, Irlandeses, Noruegueses,
Suecos, Dinamarqueses.

Ocidentais: Ânglo-saxões

Meridionais: Saxões e Alamanos

Zona Ocidental: Celtas e Gauleses

Zona Meridional: Gregos, Romanos e italianos

Resumo

Totemismo: Totem, Mana, Tabu

Quadro sinótico das religiões na história.

Religiões antigas:

Egito: Religião de Áton

Índia: Vedismo, Bramanismo e Budismo.

China: Siinísmo, Confucionismo, Taoísmo,
Budismo Chinês.

Japão: Xintoísmo, Confucionismo, Budismo.

Oriente Médio: (Irã): Mazdeísmo ou Zoroastrismo,
Mitraísmo, Maniqueísmo.

Indo-Europeus: Hititas e Frígios

Ásia: Setentrional: Babilônios e Assírios (SUMERIOS)

Ocidental: Fenícios, Palestinos, Israelitas – SEMITAS

Meridional: Etíopes e Árabes.

Capítulo IV

A moral maçônica

Para estudarmos a moral Maçônica devemos preliminarmente partir dos conceitos já estabelecidos sobre Moral como parte da filosofia, por renomados tratadistas e filósofos, por certo já conhecidos por todos os Irmãos.

Começemos definindo a Moral. É difícil senão, impossível definir a moral, já o disseram e reconheceram os mais acatados pensadores, mesmo assim nos valeremos deles para compreendermos o que ela é.

A moral se manifesta como um sentimento de reto proceder diante da ação atual e em face da consciência, indicando-nos ante um conjunto de Deveres e Costumes, que nos conduzem pelo caminho da Virtude – ao limiar da Perfeição espiritual.

É tida como a ciência que traça normas às vontades, na sua direção pra o Bem.

Moral, (nos costumes (latim), sinônimo de ética – costume (grego)), é a ciência que estuda as leis e a natureza dos costumes públicos ou privados, enquanto se conformam com a moralidade.

O conjunto de fenômenos da moralidade é o mundo moral.

As leis do mundo tendem todas para o alcance do Bem.

No domínio da moralidade, se obedece à lei por um sentimento interior que nos leva a cumprir o Dever, não por motivo psicológico, mas pela própria coação da lei, ou por outras causas. (Kant).

A lei moral depende necessariamente da natureza humana.

Sem Deus, não há moral. Ele é o único Juiz, capaz de julgar os atos humanos sem coação.

Divisão da Moral:

a) Geral ou teórica: é a ciência do DEVER.

b) Particular ou prática: é a ciência dos Deveres - moral individual, social, domésticos.

O Dever e a Lei Moral.

A consciência moral é a faculdade de julgar da moralidade dos nossos atos.

Elementos da consciência moral: Intelectual – discernimento (Cinzel), entre o Bem e o Moral Afetivo – a satisfação ou desgosto para conosco, ou para com os outros de acordo com os nossos atos. Motor – que nos impele a ação segundo o nosso Querer (Maço).

A fórmula: - O Bem e o mal são opostos entre si, logo fazer o Bem e evitar o mal.

NOTA: Infelizmente nem sempre sabemos quando praticamos uma boa ação, embora essa possa ser a nossa intenção, mas a presença do maligno em nós, que nos arrasta para o mal, interfere em nossa ação. Porém sempre sabemos quando praticamos o mal, porque sempre o praticamos de modo intencional e espontâneo. Daí a distinção jurídica, entre as ações criminosas:- culposas ou dolosas.

A virtude

Definição: É o habito de obrar segundo a Lei Moral.

Classificação das Virtudes:

Naturais: são regidas pelas leis naturais.

Religiosas: são regidas pelos princípios religiosos.

Éticas: Fortaleza e Temperança

Intelectuais: Justiça e Prudência.

Estas 4 últimas são chamadas virtudes cardeais, que se agregam as 3 Virtudes Religiosas e destacadas pela Maçonaria: FÉ, CARIDADE, ESPERANÇA, denominadas na teologia como virtudes teologais.

Os Deveres

NOTA: Deveres são imposições morais instintivas e espontâneas, que se apresentam a alma humana, em sua marcha evolutiva para a perfeição, e se originam da consciência de que o conhecimento da Verdade produz a Sabedoria, e esta é o prêmio da Virtude.

Esta pertence ao reino da Perfeição que lapida a pedra bruta da realidade, sustentada pelas Colunas da Harmonia, Amor, Verdade e Justiça.

Este reino oculto na profundidade do íntimo humano, como remota lembrança de eras paradisíacas, guarda na arca preciosa de todas as alianças, o segredo dos valores eternos da vida, e é segundo eles que as leis humanas se tornam legítimas - sem eles são apenas legais...

Deveres espirituais:

Para com a sensibilidade: é a Temperança. Consiste em sujeitar a sensibilidade à razão, extirpando as más inclinações e cultivando as boas e generosas.

Para com a inteligência: é a busca da Verdade. Um intelecto esclarecido encontra maior facilidade para se conduzir na vida de acordo com as regras de moral.

Para com a Vontade: é a educação da Vontade que consiste na coragem e na energia em que se deve transformá-la, a fim de que possa resistir a todos os impecilhos que obstam o cumprimento do DEVER.

Moral Social.

Deveres de Justiça: respeito à vida alheia e à liberdade dos outros.

Deveres de Liberdade: Liberdade de pensar e respeito à liberdade do pensamento e reputação alheios – o Segredo.

O segredo

Natural: em face da causa, cessa perante causa maior.

Prometido: cessa quando imoral.

Profissional: é inviolável, porque as relações sociais assim o exigem (por isso, o tão misterioso segredo maçônico, é apenas o segredo profissional dos pedreiros livres e antigos).

Deveres de caridade – Dever de fazer o bem por gratidão, amor ou por generosidade.

Deveres dos Iniciados:

De Solidariedade: de interdependência de interesses comuns.

O indivíduo deve contribuir para o bem-estar social.

De Beneficência: forma de socorro aos semelhantes sem interesse pessoal, sangue, ou coação

De Amizade, não há amizade sem Virtude.

Os maus não são amigos, são cúmplices.

Moral Doméstica.

Deveres para com a família.

A família é a sociedade formada pelo pai, pela mãe, e pelos filhos.

Se constitui, pelo casamento civil, mas se consolida pelo matrimônio, que é um sacramento religioso

A família é a célula máter da nação, sendo por isso, uma sociedade natural, que liga de modo indestrutível a união do pai e da mãe, pelo documento escrito com o sangue dos pais, no corpo dos filhos e na alma inconsútil deles.

Deveres conjugais: Dos pais para com os filhos – vigiar pela conservação e desenvolvimento de suas vidas.

Dos filhos para com os pais: - Obediência e piedade filial.

Deveres fraternais: Os irmãos têm a cumprir entre si, deveres que consistem sobretudo, no mútuo auxílio e uma proteção que se devem dispensar uns aos outros, sempre que isso seja preciso.

Moral Heril – Deveres e direitos entre patrões e empregados ou criados.

Deveres dos patrões: Justiça salarial e bondade de tratamento.

Deveres dos Empregados Fidelidade, dedicação e discrição.

Moral maçônica

A Moral maçônica se resume em cavar masmorras ao vício e erguer templos a Virtude; compreende portanto a Virtude, Sabedoria, Força, Prudência, Glória e Beleza.

Ela prega a moral mais elevada. Crer no Grande Arquiteto do Universo, na imortalidade da alma e na prática da Caridade.

São Virtudes Maçônicas; a Fé, a Esperança e a Caridade (Teológicas), a Temperança, a Justiça, a Coragem e a Prudência (Cardeais)

Toda a Humanidade foi criada para viver na mais perfeita harmonia e na mais íntima fraternidade.

O Maçom tem de se libertar de suas paixões e preconceitos, pois a Maçonaria condena aquele que abdica voluntariamente de sua liberdade porque, quem não é senhor de sua própria individualidade, não pode contrair nenhum compromisso sério.

A abdição das vaidades profanas e a necessidade imprescindível de instrução são os alicerces da Moral Humana.

A Verdade conduz à Sabedoria, e esta é o prêmio da Virtude.

Três disposições são necessárias na procura da Verdade:

Sinceridade, Coragem, Perseverança.

A primeira, fruto do estudo é a experiência que torna o homem prudente ((Prudência)

A fidelidade de guardar os segredos. Amar, proteger e socorrer os irmãos, sempre que tiverem justa necessidade. Ter a mente limpa e o coração puro, e ser livre e de bons costumes.

O homem nasceu para o trabalho, a descoberta da Verdade e o aperfeiçoamento da Humanidade.

A solidariedade maçônica está onde estiver uma causa justa.
A nossa fraternidade nos ensina a dar e não a pedir..

Ensinamentos da Moral Maçônica

O conhecimento baseado na exatidão (compasso), ajudado pelo trabalho efetivado pela perseverança (Alavanca), vencerá todas as dificuldades, extinguindo as trevas da ignorância e espargindo a luz da felicidade no caminho da vida.

Tornar-se um investigador da verdade, aperfeiçoar-se na Arte Suprema do Pensamento – a Arte Real, é o objeto da Verdadeira Iniciação – a purificação intelectual e moral.

A Maçonaria encara o homem como o ser superior aos demais, usando conscientemente de seus deveres e seus direitos para chegar ao apogeu da perfeição a que é destinado pela natureza. A maçonaria na Terra é a única instituição social capaz de levar o homem ao domínio da paz da Ordem e da felicidade. Em seu seio não existem desejos e interesses pessoais; e satisfazer a ambição se circunscreve aos limites das necessidades da fraternidade.

Tem por lei fundamental e como regra absoluta, o domínio dos desejos maus que atormentam a Humanidade.

Moral que dá a cada um, na proporção de seus direitos e de seus deveres prendendo o presente de cada um ao seu futuro, na cadeia inquebrantável da honra e da dignidade, impede a violação dos princípios morais

Capítulo V

História geral da maçonaria

Breve panorama da Europa do século XVI ao século XVIII

A maior população era formada por gente do povo que exercia as mais variadas profissões: tecelões, alfaiates, sapateiros, ourives, boticários, barbeiros, etc.

Como na Idade Média trabalhavam em oficinas e lojas situadas no andar térreo dos edifícios, ou em barracas de madeira que ocupavam uma parte importante do espaço urbano; em Paris eram encontrados até sobre pontes do Sena. Agrupavam-se em corporações que controlavam severamente o número de artesãos de cada atividade, a qualidade e a quantidade da produção, as condições de aprendizado, os salários e os horários de trabalho. Dirigindo essas corporações encontravam-se os mestres, pequenos patrões que empregavam alguns trabalhadores assalariados, operários e aprendizes em troca de alojamento e alimentação, mas nenhum pagamento. A jornada de trabalho era longa e os operários ganhavam apenas para ter com que comprar para si e para sua família algumas libras de pão, desde que o preço não fosse elevado.

Mas havia também, algumas categorias de pessoas que não pertenciam ao mundo organizado dos ofícios, eram empregados dos ricos, relativamente favorecidos por receberem pequena paga; moravam em casa de seus patões e eram por eles vestidos e alimentados, os diaristas, sem profissão definida, que se esforçavam para ganhar o alimento do dia, os mercadores ambulantes, apregoadores e aguadeiros e à população cada vez mais numerosa de mendigos e desocupados, prontos a se transformarem da noite para o dia em ladrões e salteadores.

Para todas essas categorias de pessoas, os períodos de colheitas más, e o aumento do preço do pão representavam uma ameaça de fome, era o tempo das “emoções”, das convulsões urbanas, que as autoridades tentavam evitar e fazer cessar, procedendo à distribuição gratuita de pão. Para tentar amenizar essa situação, as instituições religiosas se esforçavam em organizar a caridade pública e levar remédio às misérias mais gritantes, por exemplo, oferecendo abrigo aos menores abandonados. Entretanto isto servia apenas para amenizar um pouco as tensões sociais, muito vivas em períodos de crise.

As festas religiosas ou profanas como o carnaval, proporcionavam grandes alegrias ao povo. Até mesmo as entradas solenes do rei em suas diversas residências. Mais bem protegidas que os camponeses contra a brutalidade dos soldados, as populações urbanas sofriam menos no conjunto da guerra, a não ser que o sítio se prolongasse, ou que tomada de assalto, a cidade ficasse à mercê dos saqueadores.

Em contrapartida o acúmulo de gente e as deploráveis condições de higiene que reinavam nos bairros populares, tornavam-nos miseravelmente vulneráveis aos efeitos das epidemias.

(História Geral – A expansão da civilização ocidental e sua contribuição para o mundo atual. - Elian Alabi Lucca - 1984 - Editora Saraiva).

Caracteres particulares da maçonaria

A História da Maçonaria é um estudo muito difícil, em razão de que as informações sobre esta Instituição encontram-se ocultas em tradições que as perpetuam de boca a ouvido entre seus membros, e em arquivos zelosamente guardados, ou perdidos na poeira de bibliotecas antigas do velho mundo.

A Maçonaria não é uma sociedade simplesmente secreta como se pretende admitir no mundo profano, ela é muito mais do

que isso, oculta-se no hermetismo indevassável do próprio íntimo humano, e daí resulta quase impossível compreender a essência de sua doutrina oculta, cuja ultima noticia nos informa sobre a crença em um Grande Arquiteto do Universo criador dos mundos, e na imortalidade da alma humana, donde se intui a mais pura e construtiva moral.

Perdida na noite dos tempos as origens da Instituição – e sobre isto não pretendemos aprofundar nosso estudo, queremos apresentá-la com as características de que se reveste atualmente, buscando suas origens apenas em 1717, na Inglaterra com a fundação da Grande Loja de Londres.

Porém, para podermos compreender melhor a origem e evolução dela em seus aspectos exotérico e esotérico, é necessário examinarmos alguns pontos da antiguidade remota.

I – Estrutura fundamental da sociedade humana

Sem pretendermos invadir o campo da sociologia, podemos apenas observar e constatar em linhas gerais a existência de instituições e atividades humanas características, na organização social comum aos agrupamentos sociais.

Primeiramente aparece o REI investido do poder da força e da inteligência que o levam a liderança do Clã. Mesmo que, no passar dos tempos, essa figura política, se tenha sofisticado pela do Cônsul, Ditador, Tirano, Imperador ou Presidente, sempre se observa no curso da história.

Até mesmo o Triunvirato resultou na primazia de um sobre os demais.

Em seguida, ou paralelamente, por artil ou ciência, aparece a figura do SACERDOTE, que acaba por legitimar o poder e a autoridade do Rei, dizendo-se para tanto, investidos de um poder superior não humano, e que todos respeitam por temor ante a irresistível força dos agentes naturais, ou pela própria experiência ou conveniência tradicional.

Alguns desses Sacerdotes estudiosos, tornam-se filósofos tentando explicar de modo racional a presença dessa força inteligente e natural com a qual pretendem ter relações íntimas e providenciais – é o deísmo primitivo.

Imediatamente ao lado dos Sacerdotes e do Rei, situam-se os NOBRES, que constituem a Corte na hierarquia social, visto como reconhecem a supremacia do Rei e lhe devotam fidelidade perante deus sob o testemunho dos Sacerdotes.

Segue-se o SOLDADO (os Guerreiros), que por seu valor, coragem e habilidade na arte da guerra, goza de privilégios que o elevam a condição dos Nobres do reino, por beneplácito e gratidão do Rei.

A necessidade de suprir as exigências da existência da sociedade, gera a classe dos MERCADORES e dos ARTESÃOS, que se constituirão em futuro bem distante, pela evolução da sociedade, na chamada classe burguesa formada por ricos Mercadores que se reuniam na cidade de Brugges, para consertarem seus negócios.

Restam, finalmente os SERVOS e os ESCRAVOS, que não gozam de liberdade e executam os trabalhos árduos, ou não, para os seus senhores. Eles vieram com o passar dos tempos a se constituírem na discutida e incomoda Classe Operária de hoje, tão questionada pelos espoliadores da sociedade moderna.

Até aqui temos, em rápidas pinceladas, a formação, a evolução e confronto das Instituições sociais, nela situaremos a Maçonaria, apenas como pessoa jurídica de direito privado, segundo a estrutura constitucional do Estado moderno.

É a parte exotérica da Maçonaria, que estudaremos adiante.

A) – A parte exotérica

No dia 24 de junho de 1717, festa de São João, 4 Lojas de nomes pitorescos tirados das tabernas onde se reuniam. O Ganso e a Grelha (the Goose and Gridson) A Coroa (The Crown)

A Macieira (The Appel Tree) e o Copo e as Uvas (Hummer and Grapes) constituíram uma organização unificada sob o nome de Grande Loja e elegeram um Grão Mestre – Antony Sayer, com autoridade sobre todos os Irmãos.

No dia 24 de junho do ano seguinte (1718) George Payne que lhe sucedeu ordenava que se coligissem todos os escritos e cartas que interessavam a Maçonaria. Substituído no ano seguinte (1719), por Jean Theophile Desagulliers, Payne reassumiu o cargo de Grão Mestre em 1720, e determinou a adoção de um primeiro regulamento em 1721, no mesmo tempo em que o duque de Montagu, era eleito Grão Mestre, confiou-se ao Pastor James Anderson, Capelão da Loja de São Paulo, o trabalho de compilação dos costumes de Operários e a elaboração de uma Constituição.

Em 1723, foi concluída, aprovada e publicada a Constituição de Andersen.

Fundada por apenas 4 Lojas, a Grande Loja de Londres teve durante muito tempo influencia limitada, pois as outras Lojas inglesas continuavam a respeitar as Antigas Obrigações (Old Charger).

A velha Loja de York que reivindicava a sua antiguidade remontando a sua existência aos idos de 925, quando reinava Atelstan, da dinastia saxônica, filho natural de Eduardo – o maior, que fez um governo, religioso e faleceu em 941.

A tradição da Maçonaria inglesa afirma que ao ocupar o trono, colocou seu filho Edwin, na cabeça da sociedade dos Maçons Livres, que existia então em seus Estados. Consta que Edwin em 926, organizou todos os regulamentos referentes às Congregações de Obreiros, do reino, em vista dos quais, deu em York, uma Constituição definitiva, que leva seu nome, estabelecendo nesta cidade, a chefia ou governo dos Construtores Livres.

Mas a Loja de York não conseguiu provar com documentos o que afirmava e por isso resultou não reconhecida, a sua antiguidade.

Porém em 1725, a Loja da Irlanda, proclama a sua fidelidade aos Antigos Deveres, e um ano após, a Grande Loja da Escócia, a imita, porém a Loja de York, constituída anteriormente (1708), protesta e reserva seus direitos em particular no que se refere ao Grão Mestrado. Convém notar que nestes antigos documentos, segundo a lenda, Edwin teria escrito assim – Leis ou Obrigações Prescritas aos Irmãos Maçons pelo Príncipe Edwin: - Artigo I – Vosso primeiro dever é honrar a Deus e observar as leis dos Noachitas, porque são preceitos divinos aos quais todo o mundo deve obediência. Por isso devem se evitar todas as heresias e não ofender a deus escutando-as.

Quais eram essas Leis dos Noachitas?

Constituam-se de três artigos: a) Proibia servir aos ídolos e falsos deuses; b) blasfemar; 3) matar.

Em 1738, tendo recebido a filiação de grande numero de Lojas do reino, a Grande Loja de Londres, se declara Grande Loja da Inglaterra e Andersen altera a Constituição de 1723, com a intenção de adaptá-la ao fato novo, tornando-a mais precisa.

A Grande Loja de York que se intitulava Grande Loja de Toda a Inglaterra, para opor-se a dos Modernos, publica em 1756, o Ahiman Rezon (Regulamento dos Irmãos Escolhidos) de Lawrence Dermott, com a mesma redação da Constituição de 1738, mas nesse ano a Grande Loja dos Modernos, publica uma nova Constituição revista pelo Reverendo John Eutick, cujo texto voltou ao de 1723, retirando-se as edições e emendas feitas por Andersen em 1738.

Em 1753 afim e de enfrentar a expansão da Grande Loja de Londres constituíram a Grande Loja dos Maçons Francos e Aceitos, consoante as velhas Constituições ou Grande Loja dos Antigos Maçons. Eles censuravam os Modernos por haverem omitido as orações descristianizando o Ritual e ignorando os dias Santos, sendo isto uma infidelidade à Santa Igreja. (Anglicana).

Esta Constituição dos Antigos era fiel às Constituições Góticas, que revelam as “Old Charges” – Os Antigos Deveres (A pura Maçonaria).

Com o passar do tempo as divergências entre os Antigos e Modernos, foram se diluindo, sobretudo pelo entendimento entre o Conde de Moiré, Grão Mestre dos Modernos e do Duque de Atholl, Grão Mestre dos Antigos, e o trabalho efetuado pelas Comissões Especiais nomeadas para tal fim, pelas duas Grandes Lojas.

Enfim em 1813, as duas Grandes Lojas se reconciliam, pois a rivalidade entre elas perdera o objetivo doutrinário e fundiram-se sob a denominação de Grande Loja Unida dos Antigos Franco Maçons da Inglaterra, que decidiu trabalhar de acordo com o Rito dos Antigos que haviam adquirido o hábito de se intitularem Maçons de York, donde o nome de Rito de York, praticado na Grã Bretanha e na América do Norte. Portanto as duas Lojas Unidas da Inglaterra, Escócia e Irlanda, são as Fundadoras da Maçonaria Moderna, denominada – Especulativa.

Todas as demais Lojas foram fundadas sob a inspiração das Lojas Inglesas e que por isso mesmo, pelos dissidentes, são consideradas, Lojas Mães – ou Grande Loja Mãe do Mundo.

B) Parte esotérica

Para conhecermos os fundamentos esotéricos da Maçonaria Moderna (Especulativa) teremos de mergulhar na filosofia oculta na antiguidade – os chamados Mistérios e considerarmos que a sua evolução, na era Cristã, como já acabamos de ver cristalizou-se na Inglaterra, com o cristianismo anglicano e católico, segundo as disputas políticas predominantes entre os Stuarts escoceses e os protestantes de Henrique VIII; mas oculto, apesar da intransigência religiosa, permaneciam os ensinamentos dos antigos Druidas e a história lendária da Távola Redonda, enraizados no íntimo do povo e das classes nobres, e exaltados pelo sentimento místico do heroísmo, e o encantamento mágico dos néo-platônicos.

A efervescência das grandes construções arquitetônicas daqueles tempos havia permitido o esplendor da arquitetura, renovada pelo “Stile Nuovo” – o Gótico, mas a época passara e as Corporações de Artífices e Pedreiros relegavam-se ao ostracismo e a decadência. Porém um fato novo veio arrancar do marasmo estas comunidades laborais - a Peste, que em 1665 dizimou 70.000 habitantes da cidade de Londres no reinado de Henrique VIII, e no ano seguinte de 1666, o incêndio que destruiu 4/5 da cidade.

O flagelo da peste, dirimido pelo incêndio e a destruição que produziram tais misérias, despertou novamente o entusiasmo dos trabalhadores em pedra de cantaria – os Franco Maçons que se dispuseram a reconstruir a cidade, segundo os preceitos da Arte e baseados nas prerrogativas legais de suas cartas de concessão.

Unem-se sob a direção do eminente Mestre Christofer Warren, que autorizado pelo Rei e o Parlamento reconstrói diversas Igrejas em proporções colossais (Catedral de Saint Paul), maravilhando as cortes da Europa.

A Companhia dos Maçons adquire assim grande prestígio e recebe em seus Quadros, os Mestres Arquitetos que a ela já pertenciam desde a antiguidade e os Mestres Ocultistas, Sábios da Ciência Secreta dos Rosa Cruzes, e Lordes descendentes dos cavaleiros Templários, e dos Místicos refugiados da Escócia, além de Nobres, filósofos, Cabalistas, Cientistas, Pensadores, Príncipes, Ministros religiosos e o Rei.

Surge então a Academia Real de Ciências de Londres- e a Maçonaria especulativa.

Nessa oportunidade podemos verificar que, enquanto as Lojas florescentes se debatiam entre textos originais e tradicionais calcados no Cristianismo Católico ou Protestante, Sociedades Secretas de Hermetismo se formavam na Inglaterra, como em outros países, e uma delas a do Elias - Elias Ashmole, onde frequentavam Isaac Newton, Francis Bacon, Swedenborg, e alguns poucos mais; obtinham permissão para se reunirem

em Lojas Maçônicas, incorporando-se posteriormente em seus Quadros, como Aceitos.

São estes que guardam, conservam e transmitem os ensinamentos Gnósticos remanescentes dos Mistérios Antigos.

Portanto examinaremos rapidamente estas escolas de Mistérios que tanta influência teriam na evolução da sociedade e desenvolvimento da ciência até nossos dias.

No estudo da parte esotérica da sociedade humana reside o maior obstáculo, pois aí se encontra o substrato sutil dos princípios morais que impulsionam o ser humano para a sua aproximação com Deus – o Ente Invisível, porém sensível que se adivinha por detrás das forças naturais que tanto afligiram o homem nos primórdios da civilização.

Aí encontramos os Pedreiros, quer dizer os Construtores da vida urbana, aqueles cujo trabalho é construir casas, igrejas, palácios, castelos, fortificações, estradas, pontes, enfim abrigos em geral, podendo mesmo estender essa atividade construtiva aos alfaiates, os ferreiros, os carpinteiros, os ourives e os pedreiros propriamente ditos (os picapedreiros), aqueles que partiam pedras e as lapidavam de forma a servirem às construções

Mas levantar um edifício de complexidade crescente segundo as leis da arquitetura e de outras ciências afins, não era atividade possível ao nível de conhecimentos desses operários de construção civil. Era preciso muito mais. Necessitavam-se de conhecimentos científicos, por isso tornava-se imprescindível a presença, de homens de profundos conhecimentos em Física e Química, Mecânica, em Aritmética, Geografia, Astronomia, História, e principalmente em Geometria e Filosofia, pois na construção arquitetônica se deviam empregar todos estes conhecimentos na construção de edifícios ou obras, e em suas formas peculiares, o fim e a ideia nelas contidas, e o pensamento dos Mestres Construtores – os ARQUITETOS.

Esses arquitetos para conhecerem os segredos científicos e filosóficos que constituem o arcabouço de uma estrutura

transcendental privativa do Trono e do Santuário, deviam fazer-se INICIAR – quer dizer, penetrar no átrio do Santuário e depois progredir em seus mistérios até receberem o reconhecimento de seus Mestres Sacerdotes.

Para tanto estes Mestres Sacerdotes, criaram uma espécie de Convento onde somente homens selecionados por suas virtudes, podiam ser recebidos, mediante uma serie de cerimônias que visavam revelar os conhecimentos ocultos na filosofia religiosa – é a INSTITUIÇÃO DOS MISTÉRIOS.

A conjugação, portanto, dessas duas colunas, por assim dizer, do Templo social, dará lugar na evolução dos tempos, ao que se chamará hoje Maçonaria.

Desde a mais remota antiguidade, grupos itinerantes de pedreiros e Arquitetos (Mestres) firmavam contratos com os Reis e os Sacerdotes de diferentes povos, para construírem as obras que se lhes propunham.

Parece ter origem nos sopés do Himalaia, a mais remota noticia dessas tribos, que se mescla com os Hititas e depois com os Egípcios do Baixo Egito, para a formação do povo egípcio; e na época de Akenaton solidários na reforma religiosa; e depois construindo a pirâmide de GISE (Knut – a grande luz) e após, ao romper o contrato com o outro Faraó, abandonando o Egito e seguindo pelo deserto do Sinai, para fundir-se ou melhor incorporar-se aos povos da palestina, formando o povo judeu (Israel) detentor de todas as tradições que possuíam.

Cumprir notar que a cidade de Argentoratum incendiada por Átila foi reconstruída com o nome de ESTRASBURGO, que significa - burgo sobre a estrada, porque estava situada no caminho que ia da Gália à Germânia.

O edifício da primeira catedral foi erguido em 504.

A torre principal terminada no reinado de Dagoberto (604-638) sendo ela construída, em parte de madeira, foi em 1007,

completamente destruída por um raio. A construção do edifício atual foi iniciada em 1439.

A nave estava para ser concluída em 1275, quando se pensou em ampliar o projeto primitivo acrescentando-se ao edifício torres e outras obras importantíssimas que o tornariam uma obra grandiosa. Pode-se supor que os burgueses da cidade, felizes pelas franquias conquistadas resolvessem patrocinar os trabalhos de sua catedral, transformando-a numa verdadeira maravilha.

Foi então chamado para ser o Mestre de Obras – Edwin de Steinbach, cujo nome encontra-se indelevelmente ligado à Catedral de Estrasburgo.

Tratava-se de um Arquiteto e escultor alemão nascido em Steinbach localidade próxima de Buhl, no Margraviado de Baden, por volta de 1244, e que faleceu em 1318.

Dizem os antigos historiadores maçons, que a fim de levar a cabo o projeto, Erwin convocara em 1275, a Convenção de Estrasburgo na qual compareceram famosos Arquitetos da Alemanha e da Itália.

O objetivo foi o estabelecimento de uma Fraternidade para a continuação dos trabalhos da Catedral. Foi nesse Congresso que os construtores e arquitetos Alemães, em imitação aos seus, irmãos Ingleses, passaram a usar o nome de Frei-Maurer (trabalhadores de pedra ou steinmetzen) e estabeleceram um sistema de regulamentos para o governo da Oficina,

Acrescentam então que foi constituída uma Grande Loja (Haupt Hutte) e construída uma Loja para a celebração das Assembléias, nas quais seriam discutidos os assuntos relacionados com os trabalhos. Eleito Edwin como Grão Mestre da Catedral (Meister Von Stuhl) sentara-se sob um dossel empunhando uma espada, emblema de sua autoridade.

Diz-se ainda que naquela assembléia, teriam sido estabelecidos sinais e palavras especiais para os membros da Fraternidade, a fim de que pudessem ter meios de reconhecimento entre si.

NOTA: Findo este longo parêntesis, queremos dizer que em toda a história da Humanidade, e em todos os locais da Terra pode-se constatar a presença desse traço luminoso de ciência, trabalho, amor e espiritualidade, revigorado pelo Cristianismo e espalhado por toda a terra, e que surge pública, mas discretamente com os Rosa-Cruzes em 1616.

Cumpra aqui uma pequena observação. Em 1616, apareceu um terceiro trabalho, o mais estranho de todos os dois anteriores (1610-1614 e 1615), publicado em Estrasburgo, em alemão, com o nome de *Chemisch Von Christian Rosenkreutz*. (Casamento Químico de Cristian Rosenkreutz). Nele o narrador supostamente o próprio, descreve sua experiência como convidado ao casamento de um Rei e uma Rainha que moravam num castelo maravilhoso.

A Maçonaria moderna e especulativa surge 100 anos depois (1717).

Estes escritos levantaram grande celeuma, agitação e fascínio na Europa e são atribuídos à um tal de Johann Valentim Andreas.

Capítulo VI

Os mistérios

No Oriente asiático, China Índia e Japão.

Ricos em conhecimentos esotéricos, passaremos, porém sobre eles, sem lhes perquirir mais longamente em razão da superficialidade de nosso estudo, encaminhando porém os Caros Irmãos para o Fo-Hi da China, seu mais antigo sábio, o Gagavath Gita da Índia e a Yoga de Pantajali, pois o ocultismo nestas regiões não se transmite de modo tão aproximado dos métodos tradicionais do ocidente, que deram lugar as cerimônias iniciáticas da Maçonaria.

No Oriente médio e no Ocidente.

No EGITO – Chama-se Mistério às Instituições das antigas religiões e escolas ocultas pré-cristãs dos egípcios, persas, gregos, judeus, romanos, celtas, e escandinavos.

Homens e mulheres de qualquer posição ou cultura podiam solicitar sua Iniciação nos diversos Mistérios que se dividiam em:

Menores: (Exotéricos), onde a iniciação compreendia 4 estágios.

1) Purificação preliminar – banhos de mar ou de rio ou aspersão com água do mar, abstinência de determinados alimentos e bebidas.

2) Comunicação de conhecimentos místicos, pelo Hierofante, Mistágo, ou Sacerdote.

3) Apresentação de símbolos, ou imagens sagradas e dramatização sacra com cantos e efeitos de impressão psicológica.

4) Ágape fraternal, Ambrosia e bebida/Soma.

Maiores (Esotéricos) – destinados aos mais puros e nobres onde perdiam todo temor à morte, inculcando no homem a certeza da imortalidade.

Os que nele penetravam adquiriam uma sabedoria que os outros não possuíam. Distinguindo-se não só pelo desenvolvimento de sua inteligência, como pela nobreza e pureza de suas vidas.

Em CRETA, As escavações efetuadas por Sir Arthur Evans, são de interesse para nós, pois se encontraram muitos símbolos e formas de Maçonaria, bem semelhantes aos descobertos no Antigo Egito.

O que nos interessa de preferência são os costumes religiosos e ritualísticos desse antiquíssimo povo em cujos detalhes se evidenciam notáveis semelhanças com os da moderna Franco-Maçonaria.

Na GRÉCIA. Mistérios Gregos – atribui-se sua origem à Orfeu 7.000 a.C Entre os mais importantes, os de Eleusis (Eleusinos). Poucas informações há sobre eles por serem muito secretos.

Dionisíacos – (Baco pra os Romanos)

Foram celebrados em toda a Grécia e Ásia Menor, principalmente em Atenas e transplantados para Roma. Tratam do assassinio de Dionísio, pelos Titãs e de sua ressurreição.

Entre os seguidores dessa forma báquica dos Mistérios, achavam-se os celebres “Artífices Dionisíacos”, uma sociedade secreta comprometida pelos mais rígidos juramentos de não revelar os seus ss.´. tt.´. pp.´.de p.´. e ss.´. e aditando emblemas emprestados do ofício de construtores.

Esses grupos nômade de operários edificaram em toda a Síria e Ásia Menor, tal como os grupos de Maçons construíram depois Igrejas na Europa.

Mitrariânos: Um dos cultos mais antigos do mundo e mais extensamente difundidos outrora pela Ásia, África e toda a Europa. Exerceram influência nos cultos judaicos, e principalmente nos Essênios, nos gregos, cristãos, muçulmanos e Maçônicos.

Judaicos. Moises teria sido o legislador hebraico e o real fundador dos Mistérios Judaicos. Durante 430 anos de

permanência no Egito certos hebreus foram iniciados em alguns Mistérios daquela nação.

Segundo a tradição ele introduziu a iniciação dos MM. 'II.' que recebera dos Sacerdotes egípcios. Eles usavam durante o Êxodo, uma tenda para a celebração de seus Mistérios – o Tabernáculo.

A tradição dos Mistérios Judaicos foi levada para Roma e dali passou através dos Colégios, para as Guildas medievais, para finalmente emergir, no século XVIII, nos rituais especulativos dos graus simbólicos, no Saint Royal Arch no Grau de Marck Máster de M. 'M.' e nos demais emblemas e cerimônias que foram incorporadas a certos graus subsidiários pertencentes em sua época simbólica ao antigo pacto, A construção do Templo durou 7 anos, de 1012 a.C a 1005 a.C, Foram seus construtores o rei Salomão (casado com uma princesa egípcia) e que ele recebera instruções do seu pai, o Rei David. Seus aliados, o rei Hiram de Tiro, na Fenícia, forneceu os materiais e os operários, e Hiram Abiff, que também era metalúrgico, filho de uma viúva da tribo de Neftali e de um homem de Tiro.

Os iniciados nos Mistérios estavam ainda, simbolicamente, empenhados na construção da Grande Pirâmide, (a Casa da Luz), e na celebração da morte e ressurreição de Osíris.

Na refundição dos Mistérios também se fez mistura ou fusão de três linhas de tradição. Egípcio-Mosaica através de Salomão, a Caldeia ou Babilônica, através de Hiram o rei de Tiro e a tribal, através de Hiram Abiff.

Mistérios Essênios: Não existem ainda informes precisos acerca dos cultos exotéricos, hábitos e costumes dos Essênios, que evidentemente tinham também os seus Mistérios conhecidos e partilhados tão só pelos seus Íntimos – os Iniciados, dentre os quais esteve o próprio Jesus Cristo.

Divisões – Neófito, Irmão e Perfeito, termos incorporados a terminologia evangélica e ao Cristianismo primitivo, bem

como em algumas seitas místicas, como a dos Albigensis e que maçonicamente correspondem a Aprendizes, Companheiros e Mestres. O fim dos Essênios permanece tão misterioso quanto a sua origem. É provável que tenham sido absorvidos ou transformados nas escolas místicas e filosóficas que depois sobreviveram até o século III da era cristã, como os Gnósticos e neo-platônicos. Os gnósticos celebravam muitas ideias essenciais. Os essênios tinham seus Mistérios maiores e Menores. Pelo menos dois séculos antes da nossa era. Eram eles, os Isarim (iniciados) descendentes dos Hierofantes egípcios em cujo país estiveram estabelecidos durante vários séculos antes de serem convertidos ao Monasticismo budista pelos missionários de Asoka e amalgamados mais tarde com os cristãos primitivos. Alguns autores também os identificam com os Kenitas e Nazarítas ao passo que no documento de Damasco, embora a seita que o escreveu falasse das regras de uma Ordem Essênia, ela se chamava como sendo os verdadeiros Zadokitas, isto é descendentes de Zadoc, um dos Sumos Sacerdotes dos Reis David e Salomão, e que foi o primeiro que este nomeou para seu Templo.

Nos domínios romanos: - Os Colégios eram instituições que existiam em Babilônia e em Roma, destinadas a ensinar os antigos Mistérios Egípcios, embora algo alterados ou modificados. Os mais famosos foram os Romanos, o primeiro dos quase fundado pelo ano 714 a.C, por Numa Pompílio, segundo rei de Roma e altamente culto. Ele enviou mensageiros ao Egito, Grécia, Palestina e outros países para estudarem seus sistemas e Mistérios de sorte que pudesse adotar em Roma, os mais apropriados ao desenvolvimento de seu povo. Introduziu a linha de sucessão egípcia e assim os Hierofantes de seus Mistérios foram os Veneráveis Mestres a maneira dos sacerdotes, secretamente entre Colégios de Arquitetos, até a época em que o cristianismo se tornou dominante em todo o mundo romano, no começo do século III a.C. Com o tempo esses Colégios se tornando “grandes

potencias Políticas”, foram abolidos pelo Senado no ano 80 a.C e restaurados mais tarde; posteriormente os Imperadores expediam de quando em quando éditos contra ele e finalmente foram abolidos no ano de 378 d.C.

Na Idade Média e Renascimento

Os Templários. Acusados de bruxaria e culto ao Demônio, os Cavaleiros da Ordem do Templo, a mais rica e influente comunidade religiosa da Idade Média, foram horivelmente torturados, morrendo em prisões e nas fogueiras da Inquisição.

Hoje, 6 séculos depois a ciência esotérica procura decifrar o enigma de sua existência.

A Ordem dos Templários não foi fundada por ocasião da I Cruzada com a intenção de proteger os peregrinos de Jerusalém, como explica usualmente a ciência histórica, mas fazia parte de um plano elaborado por Bernard de Clairvaux, com a finalidade de descobrir no Templo de Salomão, a parte oculta e não apresentada ao público da “Arca da Aliança” e das “Tábuas da Lei” e onde acabaram por encontrar a Lei Divina revelada a Moisés no monte Sinai. O objetivo da Ordem, mais idealista e revolucionária do que parece, era adquirir um manual prático para o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. O imenso poder que os Templários adquiriram com a sabedoria antiquíssima das Tabuas, fez tremer o Rei e o Papa, motivo pelo qual foram injustamente exterminados.

Em 3 de abril de 1313 e 1314, o Papa Clemente V, sob a ameaça da espada de Felipe – o Belo, Rei de França, expediu a Bula que extinguiu de maneira drástica, a poderosa Ordem dos Templários, cujas atividades se estendem entre os anos de 1119 e 1314. Jacques de Charney, abandonado a sanha e ambição do vaidoso e sanguinário Rei, é lançado a fogueira no átrio de “Notre Dame”, morrendo impassível e sereno diante da multidão, que acompanhava ansiosa, o escandaloso processo canônico-jurídico da Inquisição medieval.

Mas o que realmente determinou tal injustiça e tão cruel pena a homens tão ilustres, poderosos e onipotentes?

Hoje, o estudo da história secreta dos povos nos leva a algumas cogitações sobre este escabroso caso.

Pode ser que uma vez dentro da terra Sagrada, eles tenham selecionado informações por meio de seus contatos pacíficos com maometanos e escriturólogos judeus – informações de um conteúdo tão desconcertante que desestruturou sua própria visão da vida.

Desse modo teria surgido uma corrente de pensamento que, sem a menor dúvida foi considerada como heresia, pelas autoridades religiosas mundiais da época.

Trata-se provavelmente, do fenômeno tão impossível naquele cadinho estranho do Oriente Próximo, de considerar cristão, maometanos e judeus, como filhos do único e mesmo Deus do Velho testamento – uma opinião ecumênica e revolucionária, que naqueles dias iria causar um profundo abalo à legalidade do poder, e pode ter sido isto, que determinou em realidade, o fim da Ordem do Templo.

Os Irmãos da Rosa Cruz

Os “Rosa-Cruzes” – O interesse moderno nos ensinosa-rosa-cruzes data do século XVII, cerca de 1610. Por esse tempo correram rumores da existência de uma sociedade conhecida sob o nome de os Irmãos da Rosa Cruz, porém os Oficiais e lugares de reunião da Ordem nunca foram conhecidos do público

Houve muitas falsas “Ordens” nos séculos seguintes e em todos os tempos à partir daquelas épocas, mas nenhuma foi capaz de revelar a menor relação com a Ordem original. Incorporaram-se vários ensinosa da Rosa Cruz nos Graus mais altos da Maçonaria e deles se serviram para fins louváveis,

A lenda concernente à origem em parte verdadeira e em parte falsa é a seguinte:

- Que certo Christian Rosenkreutz, gentil homem alemão nas vestes de um frade visitou a Índia, a Pérsia e a Ásia e trouxe a Doutrina Secreta que obteve dos Sábios Orientais.

- Que fundou sobre esta base a Fraternidade Rosa Cruz pelo ano de 1415, porém que a existência deste homem passou despercebida até quase dois séculos depois.

O que se conhece sobre a doutrina secreta dos Rosa Cruzes é um corpo extenso de ensinamentos, a sua história oculta transmitida de Mestre ao discípulo, do Hierofante ao Iniciado, por gerações incalculáveis.

Crêem os mais bem informados, ter sido a secreta doutrina dos Rosa-Cruzes construída gradual, cuidadosa e vagarosamente pelos Adeptos e Velhos Mestres do Ocultismo, de fragmentos esparsos dos ensinamentos esotéricos que foram sendo reunidos pelos sábios de todas as raças.

Estes fragmentos teriam sido porções das doutrinas dos Atlantes que aos poucos sobreviveram da civilização Atlante, preservaram-nos e os transmitiram aos seus descendentes capazes.

Rol dos primeiros rosa-cruzes

Geraldo de Carmona (1114-1187)

Alberto - o Grande (Dr. Universalis (1193-1288)

Thomaz de Aquino (Dr. Angelicus (1225-1274)

Pico de La Mirândola (1303-1394)

Arnoldo Villanova

Raymundo Lullo (Dr. Illuminatus (1235-1315)

Roger Bacon (Dr. Admirabilis (1214-1294)

Nicolas Flamel (1330-1413)

Conde Von Falkenstein (Bispo de Tréves (Sec. XIV)

João Carlos Friesen – Frisau – (Sec. XV)

Cornélio Agripa (1486-1531) e uma sociedade secreta, por

ele fundada em Paris, em princípios do Sec. XVI, com sede em Londres.

Teofrasto Hohenheim (Paracelsus (1493-1531)

Erasmus de Rotterdam (Humanista e Mago, discípulo de Paracelsus)

Henrique Khunrah (1560-1640)

Jacob Boehme (1574-1624)

J. B. Von Helmont (Helmontius) - (1577-1640)

João Valentin Andreas (1586-1658)

João Amós (Comenius 1592) notável filósofo e humanista, considerado o Pai espiritual da Maçonaria, que apesar de ser bispo, fala-nos sobre o Templo de Sabedoria Universal que deve ser construído segundo as ideias, normas e leis do Supremo Arquiteto – Deus onipotente, para servir, não só aos cristãos, mas, à todos os que tem nascido homens, para poder iluminar também os incrédulos.

Francis Bacon (Elias - Artista 1561-1626) – A Nova Atlântida, (com as mesmas datas). É a primeira publicação que abertamente fala da sociedade, “Fama Fraternitates Rosae Crucis”, aparecida em 1614, na cidade de Frankfurt depois de haver circulado algum tempo em manuscrito. É dedicada aos Chefes, Sábios e Soberanos da Europa, e trata da vida de Cristian Rosenkreutz.

No ano seguinte aparece a “Confessio”.

Essas publicações e suas relações são atribuídas a João Valentin Andreas (1586-1658), é precisamente nessa época que começa a se exercer a influencia Rosa-Cruz nas corporações operativas (no sentido material) e em especulativas (no sentido intelectual), segundo foi definida, um século depois, nos Estatutos de Andersen.

Joaquim Frisius (Autor do Sumum Bonum 1629).

Roberto Fludd (Autor de Clavis Philosophie 1529).

Estes escritos influíram como inspiração a Andersen e

Desaguillers, no “Invisibel College”, fundado em 1645 e que, desde 1662 com a proteção de Carlos II, se chamou “Royal Society”, para se realizarem, especialmente em seu aspecto esotérico, segundo o plano da Nova Atlântida, de Bacon.

Ocuparam lugar proeminente nessa sociedade, homens como Roberto Boyle, Isaac Newton, Elias Asmole, Swedenborger, o arquiteto Christofer Waren, que fez admitir nela Desaguillers.

Na segunda metade do século XVII, o Rosacruzianismo e a Maçonaria se vão entrelaçando tão estreitamente e se exerce grande intercambio entre o simbolismo de um e de outra, sob a influência do espírito humanista da época.

Daí em diante a Maçonaria espalhou-se pelo mundo especialmente na França e Alemanha, por este motivo, em vista da singeleza, desse estudo não iremos nos alongar sobre esse tema, saltando múltiplos detalhes, e contentando-nos em registrar apenas que, para os legisladores da Maçonaria moderna a ideia de Deus tem uma interpretação teísta de Deus – O Grande Arquiteto do Universo.

Para Anderson e Desaguillers e os 25 legisladores de 1723, é o Deus do Antigo Testamento e de Noé, como já vimos; e de Adão, criado à imagem de Deus – O Grande Arquiteto do Universo.

Esta concepção metafísica da divindade sofreria, por via da evolução do pensamento racionalista, uma alteração – afirmando-se que a divindade não poderia ser conhecida pela inteligência humana, mas pode ser pesquisada e comprovada a sua existência, pela ciência.

Não é, pois aceita a revelação pela graça divina, ou a palavra de Deus.

Esta interpretação que se acentua depois de 1815, como veremos com a nova alteração da Constituição de Andersen, atinge seu auge em 1865, e seu desfecho oficial em 1877, quando o Grande Oriente da França suprimiu em seu artigo 1º da

Constituição que exige a fé em Deus e na imortalidade da alma; e com o posterior expurgo em todos os rituais da expressão G.´. A.´. D.´. U.´. e de todas as orações, tornando-se por este decreto, irregular e perdendo o reconhecimento da Grande Loja Unida da Inglaterra, como vimos – a Loja Mãe do Mundo e de todas as demais Grandes Lojas Regulares.

Já em 1813, fundava-se na França, por maçons que discordavam dessa tendência materialista a Grande Loja Nacional Francesa, reconhecida pelas Grandes Lojas Inglesas, como Maçonaria Regular na França

Sem nos alongarmos sobre o estudo da história dos Ritos, cumpre, entretanto dizer que as ideias racionalistas fervilhantes na Europa e novo mundo, influíram na Maçonaria e trouxeram grande prejuízo, pela adoção definitiva de conceitos novos, como verdadeiros postulados que, entretanto careciam de demonstração e, que a evolução histórica resultou contestando-os em parte.

Faltou prudência; por esse motivo cabe assinalar um movimento que adiante examinaremos melhor, refiro-me a Ordem dos Perfectibilistas, fundada em 1º de maio de 1766, por Weishaupt, abjurando de toda a crença religiosa.

Em 1784, esta instituição, com mais de 2.500 membros ativos, teve pouca duração, e apesar disso causou grandes prejuízos a nossa Sublime Ordem.

Foi dissolvida pela policia, mas suas ideias penetraram e proliferaram dentro da Maçonaria, evoluindo, de um deísmo vago à um antiteísmo e por fim a um ateísmo militante.

Capítulo VII

O iluminismo

Chegamos finalmente no ponto de encontro histórico em que a filosofia maçônica se bifurca paralisando o trabalho fecundo da Instituição na sociedade moderna, em consequência da precipitação e falta de prudência.

a) Os Iluminados da Baviera. – (Alemanha)

Adam Weishaupt (1770)

Rito dos Perfectibilistas – Sociedade secreta, fundada em 1771 por Weishaupt, doutor e catedrático de Direito na Faculdade de Direito da Universidade de Ingolstad, na Alemanha.

Ele entendia que o homem deve ser exaltado e reintegrado no gozo de seus direitos primários de Liberdade e Igualdade, que recebeu da natureza, por isso julgava indispensável a reconstrução da sociedade civil e da propriedade.

Para tanto era necessário cercar os poderosos, de homens sábios, dignos e ilustres, capazes de guiá-los.

Por apresentação do Barão Knigge, ingressou na Loja Theodora do Bom Conselho e vendo a importância da Maçonaria adaptou a sua sociedade à essa estrutura, e compôs o Rito dos Iluminados da Baviera, que compreendia 13 Graus, divididos em duas classes chamadas Edifícios.

Esse movimento que era de fundo materialista promoveu o desenvolvimento do totalitarismo e explodiu na Rússia afastando a influência de Papus, e mais tarde, não nos custa ver nele os fundamentos esotéricos do Nazismo e do Comunismo ateu.

Foi esse movimento sócio-filosófico alicerçado no positivismo de Augusto Comte, e no sócio-naturalismo de Rousseau, que ficou conhecido no mundo profano por Iluminismo; mas o verdadeiro Iluminismo é o movimento teosófico, apenas conhecido no mundo esotérico, e que reúne os nomes ilustres de

Blavatski, Papus, Martinez de Pasqually, Louis Claude de Saint Martin entre outros.

b) Os Iluminados de AVIGNON. –(França)

Swedenborg, Pernety (1766 – Os Iluminados de Avignon. A Academia dos Verdadeiros Maçons – Rito dos Eleitos Coens (França) Rito de Schroeder ou Rosa Cruz Retificado (Alemanha).

Em Londres vamos encontrar Chastenier com os Iluminados Teósofos e o Rito da Estrita Observância (1767)

O Rito dos Eleitos Coens – Martinez de Pasqually – Rito da Estrita Observância (1778) em Lion na França – Willermoz

O Convento das Gálias para a reforma do Rito aprovou os Rituais esotéricos de Willermoz.

Em 1782, o Grão Mestre do Rito – Duque de Brunswick, reuniu o Convento e aprovou as Leis e organização do Rito, mas rejeitou as Instruções Esotéricas de Willermoz.

A Ordem Martinista – Louis Claude de Saint Martin – o Filósofo desconhecido.

A via cardíaca de Papus (1888) – e (Ven.´. Ir.´. Domingos Rubbo)

A doutrina de Saint Martin difundiu-se em toda a Europa no fim do século XVIII e início do século XIX. Ele dizia em essência que a existência de Deus está no interior de cada indivíduo e que o segredo da Iniciação consiste em descobrir dentro de si o centro iniciático próprio, que há no interior de cada um, a fim de promover o desenvolvimento espiritual.

Mas, quem foi Louis Claude de Saint Martin?

Nasceu em Amboise Tourraine, no centro da França, em 18 de janeiro de 1743 e viveu em plena revolução Francesa. Adquiriu o gosto pelo Esoterismo, lendo a Arte de conhecer a Si mesmo, de Abbadie. Foi discípulo de Martinez de Pasqually e, seduzido pelas obras de Jacob Boheme, que veio a traduzir para o francês, absorveu os seus ensinamentos. Bacharel em Direito estudou profundamente as obras de Rousseau e Montesquieu e outros, mas

não se incorporou ao movimento dos Enciclopedistas. Alistado no regimento Grainville, manteve contato com grandes ocultistas europeus, entre eles o grande Martinez de Pasqually, chefe da Ordem dos Eleitos Coen do Universo. Logo se tornou secretário particular dele, e assim entrou em contato com a Maçonaria, e nesta encontrou Jean Batiste Willermoz.

Em 1788, em Estrasburgo conheceu as obras de Jacob Boheme, o teósofo teutônico, através de Rodolphe de Salzman, cuja doutrina fundiu com a de seu Mestre Pasqually, elaborando uma nova Ordem.

Afirma, que o homem da multidão precisa diferenciar-se concentrando os seus desejos para obter a Iniciação e alcançar a Iluminação, desta forma se opôs ao materialismo que avassalava e invadia a Maçonaria.

Faleceu em 13 de outubro de 1803, em Aunay na França.

Gerard Anaclet Vincent Encause – (Papus), nasceu em La Coruña, Espanha no dia 13 de junho de 1865, filho de um químico Frances, Luiz Encause e de uma senhora de Valladolid.

Doutorou-se em medicina em Paris. Durante o curso tornou-se materialista, convivendo porem, com grandes espiritualistas, entre eles Stanislau de Guaita, despertou nele um ensejo ardente e insaciável de pesquisar os segredos do ocultismo.

Foi seu iniciador neste árduo mister, o grande Marquês de Saint Ives d Alveydre.

Espírito empreendedor e incansável fundou com o auxílio de vários colaboradores – o GRUPO DE ESTUDOS ESOTÉRICOS, a Ordem Martinista, e a Ordem Cabalista da Rosa Cruz, da qual era Grão Mestre, Stanislau de Guaita.

Em 1897, ao lado de Guaita, Marlet, Saint Yves, Castelet e outros, fundou a Sociedade Alquímica de França.

Faleceu em 25 de outubro de 1916, em Paris.

Cronologia do movimento esotérico moderno

1743 – Nasce Louiz Claude de Saint Martin – França,

1766 – Rito dos Eleitos Coen (França) – Rito Schroeder ou Rosa Cruz Retificado (Alemanha) – Swedenborg, Pernety – Os Iluminados de Avignon (França)

1767 – Rito dos Iluminados Teósofos (Londres) – Chastenier. Rito da Estrita Observância (Ramsey)

1771 – Os Perfectibilistas A Sociedade Secreta, profana e materialista – (Weishaupt)

1772 – Fim da Ordem da Estrita Observância – Convenção de Wilhensbad, em que foi desautorizada e rechaçada, por completo a fábula da célebre Ordem da Estrita Observância...

1777 – Rito dos Iluminados da Baviera – Rito Maçônico materialista fundado por Weishaupt, que procurava a destruição da sociedade civil e profana para substituí-la por bases novas.

NOTA: É oportuno lembrar os recentes episódios reprováveis, que envolveram a P2 no mundo, e aqui no Rio de Janeiro.

1778 – Rito dos Eleitos Coen - Rito da Estrita Observância na França Willermoz, Martinez de Pasqually.

1788 – Saint Martin lê Jacob Bohem

1831 – Nasce Madame Blavatski, em 12 de agosto.

1865 – Nascimento de Papus.

1879 – Blavatski viaja para a Itália.

1885 - A Sociedade de Investigações de Londres publica o Relatório contra Blavatski.

1888 – Fundação da Ordem Martinista, que admite homens e mulheres – Papus - Publica-se “Iniciação”. Blavatski edita a Doutrina Secreta.

1891 – Falece Blavatski em 6 de maio.

Papus publica o Tratado Metódico sobre Ciência Oculta.

1892– Papus publica a Cabala, e tornou-se o principal defensor e dirigente do movimento Martinista em França, revivendo com ardor os postulados iluministas da Rosa Cruz e comentando as cartas trocadas entre Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint Martin que ele mesmo publicara.

Quadro sinótico do movimento iluminista

Pedreiros e Pré-cristãos. Crentes. Dionisíacos. Eleusinos. Mitriácos. Judaicos. Essênios. Collegia Fabrorum, Drúidicos, Templários, Rosa Cruzes, Iluminismo. Maçonaria esotérica: - Ordem dos Perfectibilistas – Weishaupt Rito (materialista) dos Iluminados da Baviera (Alemanha).

Maçonaria esotérica

Academia dos Verdadeiros Maçons (Inglaterra).

Rito dos Eleitos Coen – (França)

Rito dos Iluminados Teósofos (França)

Rito da Estrita Observância - Willermoz (França)

Rito dos Iluminados de Avignon – Martinez de Pasqually

Ordem Martinista – Louis Claude de Saint Martin e Papus

Rito Schroeder ou Rosas Cruz retificado – (Alemanha).

NOTA: Ao final da leitura destas anotações, o Irmão poderá ter interrogações e divergências do que já conhece sobre a nossa sublime Instituição, isto decorre de que eu não me considero o dono da verdade e, portanto, cada um tem o direito de pensar diferentemente, porém, ao examinares os teus conceitos e opiniões, verifica a verticalidade de tua coluna compósita e se notares que ela estava se afastando do prumo, retifica a tua obra para que ela não caia.

Eu encontrei o mesmo dilema ao estudar esse nevoento panorama da história universal da Humanidade e tenho retificado a minha coluna tantas vezes quantas se apresenta inclinada,

por isso estas compilações seguem quanto possível apenas a continuação principal desse rastro de Luz da espiritualidade que guia o ser humano em sua busca incansável de perfeição.

Todas as divergências de menor importância são apenas variáveis que devem ser respeitadas, e adornos que devem ser admirados.

Rogo a Deus que vos ilumine e guarde, e vos saúdo com um forte e fraternal abraço do

Irmão um tanto mais antigo

Abelardus - MI. . 33

Bibliografia consultada

- A Maçonaria Operativa – Nicola Aslan
Antiga Maçonaria Mística Oriental – Dr. Swindburn Klymer
A Maçonaria Através dos Tempos – Sebastião Dodel dos Santos
- História da Maçonaria - Nicolas Aslan
Sociedades Secretas – A. Tenório e Albuquerque.
A Ciência Maçônica e as Antigas Civilizações – José Castelani
- El Sendero Secreto – Paul Bruton
Curso Filosófico – J. M. Ragon
O Mistério do Graal – Julius Évola
Dicionário da Maçonaria - Joaquim Gervasio de Figueiredo
Achegas para a História da Maçonaria no Brasil II – Issa Ch’An
- A Maçonaria e sua Política Secreta – José Castelani
Filosofia Hermética – K. Baxkel
Ciência Secreta (2 vols.) Henri Durville
Os Pré-socráticos – Gerard Legrand
Análise do Espírito – Bertrand Russel.
Fragmentos da Metafísica dos Costumes – Emanuel Kant
A Paz Perpetua – E. Kant

A Franco Maçonaria – Paul Naudon
Origens do Misticismo na Maçonaria - Jose Castelani
A Franco Maçonaria – Sebastião Dodel dos Santos
História da Maçonaria – F. G. Findel
A Franco- Maçonaria – Christian Hacq
O Conceito de Deus na Maçonaria – Padre Valério Alberton.
Dicionário Enciclopédico de La Maçoneria (5 vols.)
Lorenzo Frau Abrines
Episódios da História Antiga e Moderna da Maçonaria I -
Anais do III Congresso Internacional de História e Geografia (Vol I)
Revistas Maçônicas e jornais esotéricos em geral.

Capítulo VIII

O direito maçônico

Elementos de direito maçônico

Introdução

Da palavra Direito (Directum, ou rectum, do latim), significa direito ou reto, isto é o que é conforme a uma regra – Régua).

Também JUS, júris, significa direito em latim, para os romanos.

“Jussum”, para os romanos significava também – mandar, ordenar e daí, “justum”, isto é, aquilo que é justo, conforme a Justiça.

Remontando às nações mais antigas encontramos YU, vocábulo sânscrito que significa vínculo. Note-se nesse caso a pseudonímia homofônica com a expressão YOD, e também com a palavra YOS, que no idioma védico, quer dizer bom, santo, divino, de onde se originou, segundo alguns ZEUS (Pai dos deuses na Grécia). “Jovis” (Júpiter, no latim).

Alem disso a origem das palavras que designam o direito e a lei, no latim, na forma jus encontra-se ligada as palavras jaus, jous, nos povos da Itália, Pérsia e Índia, e exprime uma ideia correspondente as noções mais elevadas que possa conceber o espírito do homem. O pensamento ancestralmente contido nessa palavra seria o da Vontade ou do Poder divino. (introdução à Ciência do Direito – Andre Franco Montoro, pgn^a. 25 – Vol. 1).

É, porém evidente a influencia poderosa do Direito romano sobre o Direito moderno, e por via de consequência, sobre o Direito maçônico; porém neste, a influência grega nos vem através de Pitágoras com a sua instituição cultural e monástica, trazendo o conteúdo positivo de Sólon e o consuetudinário de Licurgo.

Não cabe aqui. Porém, dissertação longa sobre as origens do

Direito e uma apreciação sobre o momento cultural que ilumina a sociedade moderna até hoje – o Direito romano. Basta notarmos as relações e analogias entre as singularidades e o esoterismo da liturgia maçônica e o seu simbolismo.

O direito costumeiro consta de usos e costumes e lendas veneradas há séculos pelos maçons antigos livres e aceitos, das tradições e fatos históricos e atualizados e regras que lhes perpetuam a integridade.

O Direito escrito enfeixa as leis entre elas, a Constituição, os Códigos, Penal e Eleitoral e o Regulamento Geral das Grandes Lojas, além dos demais atos legislativos e administrativos.

Cada Grande Loja atual tem inerente autoridade e poder para modificar este regulamento ou redigir um novo em benefício desta fraternidade, contanto que sejam mantidos invariáveis os antigos Landmarks (Regulamento de Payne).

NOTA: A natureza da clausula pétrea do Direito maçônico escrito, que veda alterações nos preceitos estabelecidos e expressos nos Landmarks, fundamentam-se no DEVER de guardar o segredo maçônico, símbolo dos segredos profissionais, dos antigos construtores e arquitetos, que os consagraram pelos usos e costumes, e que por sua condição moral são invioláveis, e conservados até hoje pelo simbolismo e liturgia maçônica dos diferentes Ritos adotados pelas lojas.

Payne era Grão Mestre da Grande Loja de Londres em 1720, e compilou os Regulamentos que foram aprovados em 1721.

Nos EUA, as Grandes Lojas preferiram as compilações de Mackey, e na América do Sul elas foram também adotadas.

Como se vê o Direito maçônico, à semelhança do Direito inglês é consuetudinário e está fundamentado nos usos e costumes da Instituição, razão por que não pode ser alterado, nem mudado ou substituído, por norma mais recente ainda que aparentemente mais cômoda.

É “jus nom scriptum”, para guardar os segredos do aperfeiçoamento humano, nos usos e costumes da Sublime Ordem.

Por este motivo, podemos dividir os antigos limites da Ordem em Esotéricos e Exotéricos.

Esotéricos

Os esotéricos são aqueles princípios e práticas que se contém nos Rituais da Ordem, relativos à singularidade de cada Rito, e por isso mesmo são essenciais a existência da Instituição.

Esta classe abarca a lei não escrita, (jus nom. scriptum – Loockood Masonic Law Praticce) e está oculto pelo simbolismo e liturgia de cada Rito, para que seja pelo estudioso decifrado. Por ele se transita gradativamente nos graus dos Ritos, e por este meio sua conservação e inalterabilidade é privativa unicamente, de cada Grande Comendador Chefe do Rito, em seu país.

É a forma de se manter inalterado um conhecimento que é Dever da Instituição guardar e conservar zelosamente.

Esta classe de normas não escritas e consagradas pelos usos e costumes, é a que guarda discretamente ocultos na aparência fútil da razão, o conhecimento secreto para o qual, o mais seguro guia é o Ritual e a Iniciação é indispensável.

Através dos Símbolos e da Liturgia, o Mestre Secreto comunica ao Iniciado a sua mensagem.

Exotéricos

Quanto aos antigos limites exotéricos, consistem estes nos Antigos Preceitos e Regulamentos, nos Usos e Costumes e nas Constituições que regulamentam o funcionamento do governo da Instituição no mundo profano.

É, porém o Dever juramentado, que determina o uso imutável das prescrições tradicionais estabelecidas pelos Antigos Limites, e que, em substituição à jurisprudência, criou o Costume maçônico.

Diz Vanildo de Senna: - “Como sobrevivência de uma Corporação medieval, a Maçonaria se apóia no Direito Consuetudinário base da legislação da Idade Média”.

NOTA: Ouso (data vênia) comentar – como Instituição Iniciática, única herdeira legítima dos Antigos Mistérios, a Maçonaria apóia-se fundamentalmente no cumprimento irreduzível do Dever maçônico. Donde se pode deduzir que o Direito maçônico, por ser alicerçado no valor Justiça, não existe como elemento coercitivo e ordenador da vida místico-social da Maçonaria e dos maçons, mas se apresenta com normas e preceitos morais ordenadores dessa relação social, ou de consciência íntima em cada maçom, que o obriga a cumprir com os Deveres, a si mesmo impostos por livre e espontânea vontade consciente, fruto de meditação profunda na solidão de um lugar ermo e vedado à vistas profanas.

Onde todos cumprem com seus Deveres, e o trabalho é construtivo, se o seu resultado é repartido justo e proporcionalmente, ninguém precisa invocar Direitos, se a sociedade for bem organizada tradicionalmente.

E a grande força da Maçonaria está em sua organização, tradicionalmente reconhecida perfeita.

Segundo a teoria romano-canônica do costume, o Uso é apenas o elemento externo do Costume; mas o Costume é insuficiente para transformar o uso em Costume senão houver a crença de que se deve seguir o Uso, porque ele corresponde a uma norma jurídica com a mesma força vinculante de uma lei.

Esta, tida como a doutrina clássica do costume, ainda que jocosa, nos meios acadêmicos da Universidade, constitui um quebra-cabeça que ninguém resolveu até hoje; mas (data vênia), parece que a Maçonaria em sua inabalável antiguidade nos dá uma indicação razoável para entendermos esse quase paradoxo postulatório.

É que o uso continuado e permanente se torna uma rotina de vida, e esta se reconhece como um costume, que em sendo bom e justo, inspira o livre convencimento do julgador, e sua sentença, tornando-se jurisprudência, pode se transformar em lei.

Portanto a inalterabilidade dos usos e costumes maçônicos no concernente a sua liturgia, torna-os, norma pétreia através dos tempos porque tem de ocultar o segredo maçônico, só desvelado aos verdadeiros maçons.

Uma usança necessária para demonstrar a importância do Costume na formação da lei está nas “marcas da terra” (Landmarck) - quer dizer nas demarcações dos terrenos para assinalar os limites da propriedade.

É admitido pela lei civil, colocar enterrado em fossos de sinalização da propriedade limítrofe, marcadores dos ângulos geodésicos, em comum acordo entre os vizinhos, fragmentos de materiais, (moedas e metais, ou outros materiais alheios a composição do solo do lugar, para assinalarem os limites da propriedade territorial, como prova material, ficando tudo registrado em documento público lavrado e assinado perante testemunhas e pelo notário da região.

À isto os ingleses chamam Landmarck. (Land = terra + marck = marca).

Nem as nações modernas se furtam a esse costume. Os limites territoriais dos países são em geral assinalados por monumentos ou marcos na terra demarcando a extensão territorial das soberanias nacionais

É disso exemplo, muito expressivo, no Brasil - o marco de fronteira existente na Praça de Sant Ana do Livramento no Estado do Rio Grande do Sul, que delimita a linha de fronteira do Brasil e do Uruguai, separando as cidades de Livramento e Rivera, divididas por uma avenida comum.

Na história mitológica da fundação da cidade de Roma, há uma lenda alegórica segundo a qual os irmãos gêmeos (Gêmini

24 de junho, São João - Janus), teriam arado o terreno, partindo ambos do mesmo ângulo reto, para demarcarem os limites da cidade.

Como se vê o uso se tornou costume, e este se transformou em lei.

Caracteres de Identidade.

Movimento filosófico ativo, universalista e humanitário, corporação disciplinada exige dos adeptos a crença no G.´. A.´. D.´. U.´. – Deus, e no primado do espírito sobre a matéria.

Trabalha pelo aperfeiçoamento do homem, para a construção de uma sociedade humana fundada nos princípios da moral e da razão, do Direito e da Justiça. Caracteriza-se, finalmente, como Instituição científico-filosófica, adogmática, filantrópica, apolítica e apartidária.

A Maçonaria como sistema jurídico atua no mundo jurídico fazendo-se titular de direitos e obrigações, imune a tributos em geral, pelo amparo que a Constituição federal dá, no tocante ao patrimônio, renda e serviços das Instituições filantrópicas e assistenciais.

Em Maçonaria são leis todas as disposições de caráter geral para o governo dos filiados à Ordem.

As normas do direito maçônico dividem-se em:

UNIVERSAIS - provindas dos primeiros centros maçônicos e reconhecidas tradicionalmente.

RITUALÍSTICAS - que se moldam às circunstâncias determinadas pela Obediência Maçônica geral ao Chefe do Rito adotado.

PARTICULARES - de que são exemplos as Constituições e Regulamentos Gerais das Grandes Lojas e dos Grandes Orientes, e demais leis administrativas, emanadas de seus Poderes legalmente constituídos.

CONSUETUDINÁRIAS - cuja fonte de autoridade se ignora porque se oculta discretamente na penumbra da noite dos séculos, e na memória dos que já passaram pela vida neste mundo; mas permanecem sancionadas e cumpridas pelo uso geral, na atualidade.

Seus indícios se encontram na História, nos “Mistérios,” na tradição e nos chamados Landmarks (marcas da terra).

FUNDAMENTAIS - Como preceitos norteadores de toda a Instituição comuns a todos os Mistérios tradicionais, são os antigos Landmarks, fixados segundo a maneira de compreender a Maçonaria.

O Direito costumeiro consta dos usos e costumes, venerados à séculos pelos Maçons Antigos Livres e Aceitos; das tradições e fatos históricos atualizados, e regras que lhes perpetuam a integridade.

As Leis Escritas.

O Direito escrito enfeixa leis entre elas a Constituição, os Códigos Penal, Processual, Eleitoral, os Regulamentos Gerais além de Decretos, Atos legislativos e administrativos emanados de seus Poderes - Administrativo, Legislativo ou Judiciário.

NOTA: “Denominam-se - Oficinas, as Lojas simbólicas, que constituem uma Obediência Maçônica, seja esta uma Grande Loja, ou um Grande Oriente.

Uma Grande Loja é uma reunião de Oficinas de Maçons ou Lojas Simbólicas, trabalhando num único Rito, sob a direção de um Venerável Mestre, e obedientes a uma Grande Loja, cujo Grão Mestre, ostenta o título de – ‘Sereníssimo’.

Em conjunto essas Grandes Lojas em um país, acordam periodicamente entre si, princípios e normas; com o Chefe do Rito adotado por todas; e por esse motivo não possuem Assembléia Legislativa, que é substituída pelas Assembléias Gerais semestrais

dos Veneráveis das Lojas Simbólicas e seus Mestres, conforme os dispositivos das leis civis das pessoas jurídicas de direito privado.

Zelador dessa responsabilidade de manter intocáveis os rituais do Rito adotado, o Sereníssimo Grão Mestre, preserva a integridade do Rito que lhe foi confiado, para que não se desfigure a mensagem nele contida que deve ser preservada sem alteração alguma nos rituais, a fim de que aquele que o estude sempre possa obter a mesma resposta à sua pergunta, e assim encontrar livremente o que procura.

Um Grande Oriente é uma reunião de Ritos, cada qual obediente à sua autoridade máxima - Chefe do Rito; e todos sob o poder geral da autoridade maior de seu Grão Mestre, que por esta responsabilidade ostenta o título de – ‘Soberano’.

Esta condição mais extensa, da autoridade litúrgica, requer a existência de uma Assembléia Legislativa, que ostenta o título de Poderosa e se reúne para discutir os assuntos dos Ritos pertinentes a sua condição constitucional; e as suas relações sociais com o Estado nacional, segundo também o seu caráter civil de pessoa jurídica de direito privado.

Preserva-se assim em ambas Instituições, a pessoa intocável do Grão Mestre, perante a sociedade profana, que embora responsável juridicamente, não deve ser coagido em Juízo, pois isto ofende toda a Maçonaria”.

Antecedentes dos fundamentos do Direito Maçônico.

Na Idade Média: - a Corporação dos Francos-Maçons (Free masons).

Os Colégios dos Pontífices e dos Augures Romanos.

As Corporações religiosas e as relacionadas com essas artes e ofícios, que se converteram nas associações profissionais e legais operárias.

No Direito romano as Societas, compreendendo: os Collegium, os Corpus, os Sodalícios. As Universitates Personarum (reuniões de indivíduos com personalidade patrimonial) As Corporações

profissionais do Direito Antigo; as dos artífices (Corpora Fabrorum) cujos trabalhos se reputavam de utilidade pública.

Os regimes estruturados dessa natureza eram confirmados por Cartas patentes e Decretos.

O Conselho do Rei em França (Século XV). Editos fixavam jurisdições, Editos de juízes, Arquitetos investidos como Conselheiros Reais de Mestres dos Edifícios de sua majestade, emitiam sentenças nas causas entre os contratantes e obreiros, e nas dos comerciantes, nas dos transportadores e fabricantes de peças de gesso.

Documentos de Conteúdo Jurídico-Corporativo da Maçonaria Operativa.

Os Livros dos Irmãos (1456)

A Constituição de Estrasburgo (1459)

As Ordenações de Turgau (1462)

São estes documentos, conhecidos que antecedem o aparecimento das Guildas – primitivos Sindicatos alemães

Portanto como se pode notar, a Maçonaria se constituiu em uma sociedade fechada que, entretanto não é indiferente ao mundo profano que a cerca, porém possui as suas leis, costumes e história, o seu princípio de Soberania e as suas Constituições com a divisão tradicional do Poder.

Seria longo e inoportuno, neste momento, divagar sobre as origens do Poder temporal e moral que são o cerne das sociedades organizadas, no mundo profano ou no maçônico; por isso nos limitaremos à comentar a presença da organização político administrativa no Estado Maçônico, justamente por ser este, a fonte filosófica do Direito legítimo; entendendo-se por legitimidade do Direito, a sua conformidade com o valor Justiça.

É a Maçonaria que equaciona e conserva em sua lídima pureza esse valor ético que denominamos Justiça como emanção do Ser único e Absoluto, que é Deus.

Em seu habitat de liberdade, ela conserva, zela e transmite na muda linguagem litúrgica de seus símbolos, essa mensagem oculta, só desvelada diretamente ao íntimo dos Verdadeiros Irmãos.

Fixados os princípios, todo o desenvolvimento posterior de sua atividade deve estar a eles subordinado, distinguindo-se das atividades exercidas pelos maçons – estes podem divergir entre si, segundo as normas que orientam o seu comportamento, e conforme os conflitos de interesses e ideias individuais, que surgem na vida social no decurso da evolução humana; todavia os verdadeiros irmãos se prendem indissolúvelmente aos princípios basilares que constituem as colunas mestras da Ordem maçônica.

Capítulo IX

Do poder maçônico

As necessidades são definidas como os fins próximos que dão direção imediata a uma atividade, podendo ser reconhecidas como tais pelos próprios indivíduos envolvidos, porém a Instituição é mantida por meio de um aparato material, cuja natureza pode ser entendida somente pela consideração dos usos para os quais ela serve.

A alta administração cabe aprender as expectativas e ideias através do comportamento dos seus adeptos, detectar as necessidades individuais, aperfeiçoar as regras e contribuir para a melhoria da eficácia da Sublime Instituição, que necessariamente deve responder às exigências sociais e em benefício da comunidade, e de seus objetivos de progresso da Humanidade..

Desse aperfeiçoamento de cada Obreiro, resulta um poder individual que se une ao dos seus Irmãos, que fundidos pelo espírito de fraternidade, constitui no conjunto, o que se chama – o Poder da Loja.

Podemos então distinguir numa Loja Maçônica os seguintes poderes:

- o Poder espiritual de cada Obreiro;
- o Poder financeiro de cada Obreiro;
- o Poder patrimonial de cada Obreiro;
- o Poder sócio-funcional de cada Obreiro;
- o Poder político social de cada Obreiro
- o Poder científico intelectual e técnico de cada Obreiro;
- o Poder de cada uma das Instituições que a Loja possui;
- o Poder do patrimônio moral e material que a Loja possui;
- o Poder maçônico de cada Obreiro de seu Augusto Quadro;
- o Poder da Loja junto ao Poder Central a que se subordina, em sua jurisdição, tendo em vista as funções que lhe são atribuídas pelo Grão Mestre e pela Administração, e o apreço de suas coirmãs, no convivo fraternal e social;

o Poder da fiel execução dos Rituais tradicionais do Rito e da harmonia litúrgica de seus trabalhos;

o Poder espiritual que emana do ideal dos seus Fundadores e a firme disposição de seus Obreiros, em realizá-lo;

o Poder Litúrgico emanado da grande Oficina Chefe do Rito adotado pela Grande Loja ou Grande Oriente, e do qual resulta o seu relacionamento internacional fraterno com suas co-irmãs;

o Poder Litúrgico dos graus filosóficos que revestem seu Venerável Mestre.

O Poder do numero de Irmãos admitidos nos graus complementares do Rito.

Divisão tripartita do poder

Poder Executivo

Compõe-se do Venerável Mestre e seu secretariado: Secretário, Chanceler, Tesoureiro e Hospitaleiro; Mestre de Banquetes e os Vigilantes, que são o 1º e 2º Vice- Presidentes da sociedade civil, devidamente registrada conforme as normas do Código Civil e leis complementares, mas que na Maçonaria integram o triunvirato sob a presidência do Venerável Mestre e, os Vigilantes, exercendo esse Poder nas Colunas com a atribuição de aconselhar e amparar solidariamente o Venerável Mestre, no comando administrativo e litúrgico da Loja.

Poder Legislativo

Constituído nas Grandes Lojas, pelas Assembléias Gerais Ordinárias ou Extraordinárias, e nos Grandes Orientes, pela Poderosa Assembléia Legislativa, que deverão se reunir anual ou semestralmente para a transmissão e posse do Grão Mestre, ou para a apreciação do relatório da gestão anterior, bem como a apreciação das contas apresentadas, com parecer da Comissão Fiscal.

Por comparação análoga, nas Lojas jurisdicionadas o Poder Legislativo, se constitui pelo Plenário da Loja, e nesse caso pode se dividir em Câmaras, sendo o Venerável Conselho dos MM. 'II.', equivalente ao Senado, e o Plenário dos Mestres, a Câmara dos Deputados, ou à Assembléia Legislativa, se o assunto se referir exclusivamente a Leis e Regulamentos, ou se também envolver outros assuntos de competência legislativa, quais sejam a votação anual do Orçamento, ou a criação de taxas, mensalidades ou emolumentos.

Poder Judiciário.

O Poder Judiciário tem competência para intervir e decidir de acordo com a lei civil, a Constituição, o Regulamento Geral, as leis maçônicas em geral nos casos que lhe forem submetidos à apreciação, para manifestação quanto a tipicidade do delito maçônico (e somente neste caso se imputado a algum Irmão do Quadro), e apresentado pelo Orador da Loja, quando investido na função de Guarda da Lei e que assim se equipara ao Promotor de Justiça, no mundo profano, com a diferença de que este, é integrante do Poder Executivo, enquanto aquele, pela constante fiscalização dos atos administrativos, provoca a manifestação da jurisdição que se corporifica na instalação do Tribunal, que é sempre prevista no Regulamento Geral, e ao Réu caberá apelar da sentença ao Grão Mestre, em última instância.

Adjuntos ao Guarda da Lei, completando o aparelho judiciário, estão o Secretario investido das funções de Escrivão, os Expertos e Guarda do Templo, como Guardas do Tribunal, sendo o Cobridor, o Arauto dos Auditórios, e Oficial de Justiça.

Mas, quando o conflito envolve Obreiros de Lojas diferentes, então o caso é da competência da Assembléia Legislativa em última Instância, obedecidas as disposições legais.

As Grandes Lojas e Os Grandes Orientes são governados pelos Grão Mestres, e tudo se assemelha à estrutura de cada

uma das Lojas simbólicas que os compõem; eis que são a sua ampliação.

A reunião de todas as Lojas Simbólicas numa dessas Instituições formam um corpo único, de Poder litúrgico e iniciático.

São da competência das Grandes Lojas ou dos Grandes Orientes, tratar os assuntos de interesse administrativo da Instituição, sob a direção do Deputado do Grão Mestre, ou seu adjunto conforme a estrutura que os caracteriza.

De modo que todo o segredo da administração de uma Loja Maçônica está na divisão dos poderes, sem interferência de um em outro, e sob o Malhete do Venerável Mestre, para o estrito cumprimento do DEVER moral e social, de cada um dos Irmãos investidos da autoridade que o seu cargo lhe confere.

Portanto é necessário formar equipes de trabalho de tal modo que não se desarticulem de uma, para outra gestão.

Por este motivo é difícil para uma Loja de curta história, progredir e alcançar êxito em suas administrações, pois somente havendo um grande amor dos Irmãos pela Instituição Maçônica e pela Loja, somente havendo um grande entusiasmo e uma grande união, é possível formar a chamada “Egrégora” da Loja, fazê-la sobreviver, trabalhar para o Bem, e prosperar.

Entretanto como uma Loja Maçônica difere fundamentalmente de uma estrutura social profana, quanto a seus fins, de vez que esta visa o interesse pessoal ou grupal, enquanto aquela pretende o aperfeiçoamento do homem visualizando o aperfeiçoamento social e moral da Humanidade; tem de utilizar um instrumento tradicional de transmissão da cultura ética e filosófica simbolizada pelo trabalho de construir o edifício da civilização – a Liturgia; e como elemento dinâmico e realizador das regras estabelecidas por ela – o Ritual.

Da presença pois, desse característico da Maçonaria, e da necessidade de conservar e executar sem alterar estes Rituais, que

na Loja base são universais e visam conservar intocáveis aqueles princípios que a Maçonaria guarda zelosamente em seu ventre, e transmiti-los incólumes às gerações futuras, para promover o bem estar da pátria e da Humanidade (Landmarck 25 e ultimo) e Rituais; constata-se a presença incontestável, nessa clausula pétrea, de um Poder independente e superior aos demais; pois tendo com eles a mesma identidade material, envolve-os com sua “Aura Moral” resplandecente de sabedoria força e beleza.

É pois, uma força mágica encantadora (J) a que podemos denominar Poder Litúrgico de que fica investido o Venerável Mestre, depois de Instalado e os Grão Mestres, por delegação tácita, do Grande Oficial Chefe do Rito.

O poder litúrgico

Este Poder se compõe nas Lojas da Grande Loja e nas dos Grandes Orientes, emanando de sua mais alta autoridade maçônica – os Grão Mestres, com a colaboração dos seguintes cargos:

Grão Mestre, ou Venerável Mestre Instalado, Mestre Instalado, 1º e 2º Vigilantes, Mestre de Cerimônias, Diáconos, Espertos, Arquiteto, Mestre de Harmonia, Hospitaleiro, Porta Bandeira Nacional, Porta Estandarte, Porta Espada, Guarda do Templo e Cobridor.

Notamos assim que o Venerável Mestre em sua Loja e o SS. Grão Mestre em toda a sua Grande Loja, presidem os poderes com autoridade e com a diferença que no mundo profano, cada um destes poderes possui o seu presidente, portanto o Venerável Mestre e os Grão Mestres, em toda a jurisdição, revestem-se de autoridade dentro dos limites que lhes são outorgados pelo Poder Litúrgico do Rito, durante o período de seu mandato, por isso enfeixam em suas mãos toda a soberania das Lojas básicas que integram a Grande Loja ou o Grande Oriente.

Se uma Loja da Grande Loja, ou de um Grande Oriente,

se tornar desobediente, contestadora ou rebelde, perderá o reconhecimento internacional que obteve da Maçonaria Universal através da potencia maçônica a que pertencia, mas a Loja continuará viva com os fiéis Irmãos remanescentes, que não devem abandonar o direito de propriedade sobre o Patrimônio de seu Templo, porque este foi consagrado, pela marca da terra - o Landmarck, soterrada na sua construção, representando a pedra de fundação da Loja e a “Pedra Angular” simbólica do Templo, e numerada pelo Grão Mestre; aquela representando a propriedade civil sobre a área ocupada pela construção do imóvel e esta representando a subordinação litúrgica ao Supremo Conselho do Rito adotado ou admitido pela potencia maçônica a que à Loja está judicial e liturgicamente vinculada.

De modo que o Venerável Mestre tem um poder discricionário, mas nem por isso - nem ele nem o Grão Mestre, evidentemente, podem fazer desse poder um instrumento de arbitrariedade transformando o Malhete num azorrague de açoite aos seus Irmãos.

A Maçonaria não tolera a tirania!

Este poder que reveste o Venerável ou o Grão Mestre, no momento da Instalação, é o sentimento de Amor fraternal, que os seus irmão lhe devotam – como herança do passado; - remoto sentimento de solidariedade, que os Fundadores da Instituição deixaram oculto pela noite dos tempos, mas tão brilhante quanto o sol do meio-dia.

É a essência e o fundamento da Maçonaria Universal.

Todo este esforço, ou atividade coletiva, assim dirigida por um Princípio, Ideia, Logos ou Palavra é potencialmente uma Logia Maçônica, ou construtora, pelo fato de juntar e unir diferentes individualidades que cooperam na dita realização.

A unidade Maçônica radica nas Lojas, assim como estas radicam nos Princípios da Ordem dos quais tem se manifestado e seguem manifestando-se do interior ao exterior.

Por sua vez, cada Loja constitui um esforço distinto para realizar o ideal, os Princípios e Finalidades da Instituição, por conseguinte deve aquela considerar-se verdadeira individualidade maçônica, em tudo análoga aos indivíduos que formam a sociedade. É uma encarnação da Essência, ou “Alma Grupo” universal da Instituição delimitada por determinadas condições de tempo e espaço, assim como pela individual compreensão de seus componentes.

O esforço de realizar ou tornar ativa uma Loja levantando suas Colunas plasma um ideal ou uma particular compreensão da Instituição, cujo Espírito eterno e imortal se encarna neste esforço que une seus membros na comunidade dessa compreensão. A Loja vive segundo a harmonia que se realiza e a cooperação que se torna possível entre os Irmãos que a compõem, já que assim, a harmonia torna construtivos todos os esforços. Toda dissonância se torna um elemento destruidor, e quando esta predomina, e não pode concentrar-se e resolver-se harmoniosamente, a Loja morre abatendo as Colunas, que são os símbolos do Poder de Ingresso estabelecido no Ocidente da realidade visível.

Fontes do direito maçônico regular

a) Os Landmarks existentes desde antes da fundação da Grande Loja de Londres e Grande Loja Unida da Inglaterra, e que foram o manancial para a colheita das normas que foram consolidadas pelas leis escritas pelos Maçons da época, em direito escrito, para a Instituição da Maçonaria, pela primeira vez.

b) Os Regulamentos Gerais de 1721 fixados quando da fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra e compilados por James Anderson;

c) A Constituição de 1723 da Grande Loja da Inglaterra compilada e reformada em 1813, por Anderson e aprovada pela Assembléia dos Maçons Antigos e Aceitos.

d) As Cartas de prerrogativas dos Maçons Operativos;

e) As Constituições e Regulamentos Gerais das Grandes Lojas;

f) Os Estatutos e Regimentos Internos das Lojas Simbólicas jurisdicionadas.

g) Os Usos e Costumes Maçônicos;

h) Os Rituais primitivos dos Graus Simbólicos atinentes a Loja básica; e que por isso mesmo são a síntese dos ensinamentos esotéricos que serão gradativamente desdobrados nos graus seguinte, são chamados, no conjunto de seus Três Graus - Rito Azul ou Inglês para distingui-los do Rito de York; e sofrem as adaptações necessárias segundo o Rito que os constitua e a potencia que os utiliza; mas seu enunciado é privativo do Chefe Geral do Rito, e zelo do Grão Mestre de cada Grande Loja Simbólica.

i) As Constituições, Leis e Decretos dos Estados soberanos dos países onde a Maçonaria se instala desde que não conflitam com os princípios imutáveis da Instituição maçônica;

j) Os Decretos do Grão Mestre;

k) As Leis emanadas dos Maçons reunidos e representados nesses conclaves anuais da Grande Loja.

l) Os Atos dos Veneráveis Mestres Instalados na presidência das Lojas Simbólicas, no exercício de seu mandato e as deliberações do Quadro de sua Loja.

m) A vontade dos Mestres manifestada “in extremis” e homologada a “posteriori”;

n) As lendas da liturgia.

Consideram-se de modo geral as fontes de onde emana o Direito Maçônico, que deve ser estudado, para que não se legisle sem o devido conhecimento de causa e, sobretudo, para que não se perturbe a fraternidade com discussões estéreis que a nada conduzem além da discórdia e da frustração.

NOTA: É indispensável compreender que, no simbolismo e liturgia dos três graus básicos de qualquer Rito, estão contidos os

ensinamentos que revelam a mensagem do Mestre Oculto, e cujo entendimento se faz compreensível a medida que o buscador sobe nos degraus adiantados de seu Rito e se esforça moralmente para se tornar digno das honras que recebe, por isso considero clausula pétrea do Ritualismo, a sua inalterabilidade, sob pena de se tornar ininteligível, a mensagem contida na Instituição e se interromper a evolução do estudante na Sublime Ordem Fraternal.

Por este motivo o poder do ritualismo simbólico e litúrgico, se estende ao zelo e guarda da autoridade máxima - Chefe do Rito adotado pela Obediência simbólica ativa, em cada região ou país.

Deste modo a Maçonaria simbólica, autônoma em sua administração, discreta e fraternalmente se entrelaça num corpo único, pela integridade de seu Rito adotado

NOTA: “Consideram-se hoje, no Brasil, leis básicas dos Maçons Antigos Livres e Aceitos, segundo as Grandes Lojas, os antigos Landamarcks da Ordem, a Constituição de Andersen (1721), a Declaração de Princípios de (1875); e os Grandes Orientes adotam para eles outros documentos, também de antiguidade tradicionalmente reconhecida”.

Bibliografia consultada

Introdução à Ciência do Direito. - Franco Montoro

Introdução a Ciência do Direito. - Flósculo da Nóbrega.

Vade Mecum da Regularidade Maçônica. - Grandes Secretários das Grandes Lojas do RGS; MG; SP; PR; e MG/Sul - (Brasília DF. Julho de 1962);

Teoria e Prática da Regularidade Maçônica - Valdemiro Liberato Pinto

Fundamentos Jurídicos da Regularidade Maçônica – Vanildo de Senna

Enciclopédia – Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul
Revisas, Jornais, Escritos, e Notas Maçônicas em geral,

Capítulo X

Teoria geral do Estado maçônico

Povo maçônico; Nação; Território maçônico; Princípio de Nacionalidade; Reconhecimento e Regularidade.

O Estado maçônico

São elementos constitutivos do Estado: o Povo, o Governo e o Território.

O Povo maçônico.

O Povo é a população do Estado considerado sob o aspecto puramente jurídico é o conjunto de indivíduos sujeitos às mesmas leis, são os súditos, os cidadãos do Estado.

Mas a nação maçônica divergindo das demais é uma entidade moral, é uma comunidade de consciências unidas por um sentimento poderosíssimo – a Fraternidade que os maçons querem seja universal.

A causa primária do Universo é a Humanidade e portanto, a do poder, é Deus.

A autoridade é um elemento essencial da sociedade, que sem ela não poderia subsistir, porque poder e autoridade são, em última análise, expressões da ordem que reina no mundo físico e no mundo moral.

Deriva, portanto da própria natureza das coisas, e não poderia ter causa primária senão na inteligência e na vontade suprema que é Deus; e a que os Maçons denominam de Grande Arquiteto do Universo.

A sociedade internacional está dividida em Estados que lhes correspondam.

Toda nação é um Estado, e todo Estado é uma pessoa nacional

O governo da maçonaria

O Governo da Maçonaria, embora a amplidão de seu Ideal,

não obedeça a um poder central universal, porque cada maçom, carrega dentro de sua alma o embrião da liberdade que é a essência do direito natural e fonte da soberania.

A Maçonaria portanto, se expande até os confins do universo; onde houver um Maçom, ali estará ele sozinho, como um sublime jardineiro, zelando pela criação que a natureza apresenta, nas mais variadas formas de vida desconhecidas - até ali estará ele aperfeiçoando, disciplinando e organizando sociedades primitivas ou formas de vida alienígenas, ali estará ele aprendendo com civilizações superiores ou ensinando-as a contemplarem a augusta mensagem da sublime Ordem, para a maior gloria de Deus – o Arquiteto de todos os Mundos!

Mas o governo da Maçonaria, dividida em Lojas que compõem a sua organização social e política, obedece a organização dos sistemas de governo profano, adotadas pela sociedade civilizada; e nem poderia ser de forma diferente, eis que são estes, oriundos das meditações dos mais ilustres Maçons do mundo, sempre voltados e fiéis aos ideais de alcançar o bem público.

O território maçônico

O território onde a Maçonaria exerce a sua soberania na terra. é delimitado pelas fronteiras dos Estados que compõem a geografia mundial, subdivididos às vezes, pelas unidades federadas em cada nação.

Mas, como já vimos, pela imensidão infinita de seu Ideal de Fraternidade, Liberdade e Igualdade, essa fronteira não tem limites, pois todo o Cosmos lhe pertence, porque tudo o que existe, e o homem que lhe dá valor, é obra do Grande Arquiteto do Universo.

O homem pousou na Lua e aquele que ali chegou, tomou posse dela em nome da Humanidade, e cravou a bandeira de seu país no solo lunar, e fez o sinal Maçônico...

O princípio de nacionalidade

Renan dizia que, - “nação é uma alma, um princípio espiritual”

A raça, a língua, a submissão ao mesmo Estado, aliados à identidade da história, de interesses e de aspirações, consegue criar pela vontade de viver em comum, pela aceitação do mesmo destino, pelo sentimento profundo de solidariedade entre os filhos, da mesma nação, e da diferença das demais nações.

Ao conjunto de todos esses traços morais, que dão uma fisionomia peculiar à cada nação, chama-se - Nacionalidade . (Darcy Azambuja – Teoria Geral do Estado).

O Estado é a nação politicamente organizada. (Bluntschili).

Toda a nação é destinada a formar um Estado. A Humanidade divide-se em nações; o mundo deve dividir-se.

Este princípio proclamado pela revolução francesa, teve acolhida unânime pelos tratadistas de Direito Internacional, onde se tornou dogma. Na realidade, conquanto não se possa negar que o princípio das nacionalidades seja um belo ideal, tem sido, e é quase impossível aplicá-lo uniformemente.

O princípio da nacionalidade é o ideal que deve ser realizado com prudência tendo em vista a realidade e não apenas princípios doutrinários. Sua aplicação escapa ao domínio da Teoria Geral do Estado, e pertence a Política. As teorias do internacionalismo, visando o advento de um Estado universal, pregam o banimento de fronteiras, o desaparecimento das nações e das pátrias. Para atingir essa utopia, querem substituir uma desgraça por uma catástrofe, em vez de guerras internacionais pregam a luta de classes.

NOTA: “Penso que a pátria, como o disse Rui, é a família amplificada, e mais ainda, é a casa onde mora essa família grande que é a Nação.

A globalização, só interessa àqueles que sabem unir quando querem dividir e, sobretudo governar.

Infelizmente estamos assistindo impassíveis a esse terremoto social, conduzindo a nação para o anarquismo libertino, com a destruição total da ordem e do progresso, a criminalização dos homens e a prostituição das mulheres...”

Mesmo deixando de parte o absurdo da violência estratégica; o internacionalismo ainda é um ideal bem pouco apazível, e bastante precário quanto a felicidade que promete aos homens.

A paz universal se um dia for atingida, e esse é o ideal de todo o homem bem formado, e da Maçonaria em geral, não será por meio da luta de classes e do desaparecimento das nações que será alcançada, mas sim, pela criação das sociedades civilizadas.

A isso a nação não se opõe, e antes, é o meio natural em que o homem, maiores estímulos encontra para o pensamento e para a ação (Darcy Azambuja – Teoria Geral do Estado). PARTE 3ª

Nosso Comentário: É agradável perceber como um espírito bem formado, e esclarecido, tal o ilustre Mestre, pode perceber a realidade oculta nos meandros satânicos dos que abusam da ingenuidade das massas e se aproveitam das ideias generosas da Subl.´Ord.´. usam a pseudo-esquerda criminoso ou a direita ambiciosa, para solaparem a liberdade dos povos escravizando a humanidade e iludindo os homens de boa vontade.

Ao proclamar a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, não era essa a ambrosia, que em realidade ofereciam os que manipulavam a ferocidade assassina dos Sans-coulotes ou dos Gerondinos...

Para os maçons esse lema carece de um princípio básico para sua compreensão e aceitação – a Justiça!

Sem Justiça social, só se alcança a paz dos cemitérios.

O ideal de harmonia social universal que a Maçonaria procura, pode perfeitamente ser alcançado com mais facilidade pelo Estado nacional maçônico, porque a nacionalidade Maçônica é uma conquista do Maçom sobre si mesmo, que determina todo o seu Ideal de perfeição e humanidade.

Capítulo XI

Regularidade e reconhecimento

Regularidade

Maçom regular é aquele que tendo sido Iniciado nos Augustos Mistérios, se mantém filiado, no cumprimento de seus Deveres e no gozo das prerrogativas do seu Grau, a uma Loja Regular.

Loja Regular é aquela jurisdicionada a uma Potência Regular que cumpre os requisitos que informam a Regularidade das Potências Maçônicas, os quais são os seguintes:

Ser formada por três Lojas Regulares, no mínimo;

Ocupar território maçônico geograficamente definido e não pertencente à outra Potência Regular;

Ter Carta Constitutiva concedida por uma Potência Regular (geralmente essa Carta Constitutiva é concedida pela Potência que cede o território maçônico onde a nova Potência vai atuar) – Vade Mécum da Regularidade Maçônica – Comissão dos Grandes Secretários das GGr. 'LLoj.' do RS; MG; SP; PE; MS com supervisão do SS. 'Gr.' 'M.'. Kurt Max Heuser).

NOTA: Hoje em dia as novas gerações de bons e fraternos Irmãos não se preocupam muito com este assunto, pois compreendem que ele pertence às sutilezas das relações fraternas entre as autoridades maçônicas brasileiras, que superando as suscetibilidades sabem estreitar os laços que nos unem como Irmãos e manter os compromissos assumidos em geral, para que o trabalho em prol da Humanidade e da pátria seja cada vez mais eficiente, e a cultura e filantropia seja exercida com profunda solidariedade.

Reconhecimento

Fundada a Instituição, obedecendo em sua formação os registros jurídicos exigidos para a sua Regularidade, surge a figura política de seu Reconhecimento.

Isto quer dizer que, sendo a Maçonaria universal, e suas fronteiras alcançando limites, não somente geográficos, as Lojas regulares que a compõem tem necessariamente de se identificarem entre si, para que não ocorra o desagradável fato de estarem trocando ideias e atividades maçônicas com instituições assemelhadas, mas não identificáveis como legítimas.

O fato pode parecer trivial, mas não é, e implica até em certa gravidade, pois há muitas Instituições não só ilegais, mas até perniciosas e ligadas ao crime e a licenciosidade, que podem ser confundidas com a Maçonaria inadvertidamente a uma dessas – Mão Negra, Cosa Nostra, Máfia, Jacuse, P2 etc.

Por isso o reconhecimento alcança tanta relevância na convivência Maçônica.

Mas em que consiste o Reconhecimento?

O assunto é complexo e delicado.

Consiste em que uma Potência Maçônica regular identifique como Regular, a outra Potência Maçônica. Para tanto, a primeira providencia é verificar se a Potência Maçônica em exame obedece aos requisitos exigidos para a regularidade, e se em sua atividade cumpre rigorosamente em toda a sua jurisdição os princípios necessários ao seu reconhecimento, por outra Potência Maçônica Regular.

(A regularidade nas práticas é alcançada mediante o rigoroso cumprimento dos seguintes princípios):

Exercer soberania com autoridade sobre a sua jurisdição territorial.

Autogoverno com autoridade exclusiva sobre as Lojas Simbólicas jurisdicionadas, e autonomia independente sobre os 3 Graus básicos – Aprendiz, Companheiro e Mestre.

Iniciação exclusiva de homens, não menores de 21 anos, sem doenças ou defeitos físicos ou mentais.

Crença do candidato à iniciação, em Deus e na vida futura.

Obediência aos Antigos Landamarcks, Tradições, Usos e Costumes da Ordem, contidos nas Constituições adotadas pela Grande Loja da Inglaterra, em 1723

Não manter relações com Lojas Mistas, ou grupos que admitam mulheres em seu Quadro.

Conformidade aos princípios:

1 - Crença no Grande Arquiteto do Universo.

2 - Sigilo.

3 - Simbolismo da Maçonaria Operativa.

4 - Divisão da Maçonaria Simbólica em 3 Graus, Aprendiz, Companheiro e Mestre.

5 - Lenda do 3º Grau.

6 - Juramento feito sobre o Livro Sagrado, em Loja aberta.

7 - A presença das 3 luzes durante os Trabalhos.

8 - Objetivos: Caridade, benemerência, educação e cultura, e investigação da verdade.

9 - Exclusão de discussões políticas, religiosas, e sectaristas em todas as atividades;

10 - Só iniciar homens.

A experiência tem demonstrado que uma Potência Maçônica irregular na origem, dificilmente alcançará o reconhecimento das outras, por mais regulares que sejam as suas praticas. Em contrapartida, uma potencia regular na origem, mas irregular nas práticas, perderá rapidamente os reconhecimentos que tiver.

Daí o cuidado que se deve ter com a questão da regularidade, pois é difícil obtê-la e fácil perde-la.

NOTA: “Pelo visto e em face da realidade da presença das 3 potencias, no Estado do Rio Grande do Sul, e sendo Regular somente a Grande Loja Maçônica, mas tendo, as outras duas

poderosas potencias tradicionais, de antiguidade remota neste Estado, o reconhecimento internacional de outras Potências não admitidas pela Grande Loja da Inglaterra, parece-nos que a questão alcança um impasse intransponível, pois se a Grande Loja Maçônica do R. G. do Sul, reconhecesse, as suas co-irmãs tidas como irregulares, perderia a regularidade e o reconhecimento alcançado; mas se as outras duas potencias se regularizassem e obtivessem o reconhecimento da Grande Loja, elas perderiam também o reconhecimento arduamente obtido das Potências que as reconhecem, ainda que tidas por irregulares, sem falarmos nas outras questões relevantes que implicam patrimônio, rendimentos, Graus e Supremos Conselhos, enfim tantas são as dificuldades cuja solução e discussão não nos cabe, porque estamos e queremos estar, alheios a assuntos que não nos competem pois pertencem aos entendimentos das mais altas autoridades da Maçonaria Simbólica e dos Chefes dos Ritos.

Cabe ainda notar que se num ato de rebeldia a maçonaria brasileira resolvesse ignorar as potências estrangeiras, e assim perdesse a credibilidade ante elas, nada impediria essas potências estrangeiras de instalarem no Brasil novas sucursais iniciáticas, (hoje facilitadas pela internet) e o assunto continuaria assim “ad infinitum.”

Como se vê não nos cabe opinar sobre isso; mas nada nos pode impedir de confraternizar com nossos irmãos, estudar com eles e praticar atos de filantropia para com os desvalidos da sorte que patinam em miséria crônica de sempre, instalada pela ambição e crueldade das elites profanas.

Por isso, o que nos parece viável, e que não pode criar dificuldade alguma, é o relacionamento social dos irmãos na vida profana, pois querer impedir a confraternização de duas famílias de irmãos filiados à potencias maçônicas, que não se reconhecem mutuamente, só porque a teimosia de alguém em pais distante, e que não cumpre os deveres para com a nossa pátria em particular e nem com a Humanidade em geral, proíba aos brasileiros

estreitarem os laços de amizade que nos unem como verdadeiros irmãos, é mais do que tolice e chega às raias da hilariedade para não dizer - imbecilidade...

Em fim como dizia, parece-nos viável a união de esforços dos maçons para a prática de obras de beneficência e filantropia, e os conclaves meramente culturais, onde professores que honram e ilustram os quadros das três potencias possam ministrar palestras sobre temas atuais de importância científica.

Esta atividade filantrópica e científica, não pode pôr em perigo as condições de reconhecimento e regularidade, pois não intervém na liturgia nem na simbologia maçônicas, mas apenas nos cerimoniais de boa educação e convivência da elite intelectual.

Esta ideia generalizada entre os maçons de bons costumes das três Potências, tem se concretizado no Rio Grande do Sul, pelos almoços realizados com a presença de todos, ao meio-dia, das sextas-feiras, na sede do Grande Oriente do Brasil/RS, e esperamos que este costume se alastre por todo o Estado.

Maçonaria socialmente é também bom senso e fraterna educação

Raízes operativas do Estado Maçônico

Os Deveres – Os Jurados.

Os Mestres de Ofício eram chamados “Jurados” porque prestavam juramento de respeitarem integralmente os Regulamentos do Ofício. Acima deles, em Paris pelo menos, estavam o Preboste dos Mercadores, e acima deles o Parlamento.

Pedreiros Livres ou “Free-mason”, ou ainda Franco-maçom

As Antigas obrigações ou Antigos Deveres, em inglês “Old Charges”, dos Maçons Operativos exigiam que o candidato ao ofício fosse homem livre e não Servo; - isto é o “Free-mason” deveria ser homem livre de nascimento.

Origem e significado da palavra Landmarck, Land=terra e Marck = marca. Limite marco.

Significa marca da terra, para ser utilizada como ponto de referencia - e mais, limite, linda, marco, lindeiro, fronteira, raia, termo, ponto divisório, baliza, confim estaca etc.

Em Maçonaria significa também, regra, ou norma (porque o direito maçônico é também costumeiro).

Até hoje o costume, e até necessidade, de se colocar no alicerce de um marco, lindeiro de terras, terra de composição diferente da terra local, ou de pedras, cascalho, vidros, enfim materiais que incorporados à terra do local e por serem diferentes do meio natural do lugar, sirvam de identificação do local original do marco.

Se este vier a ser trocado no decorrer dos anos, essa marca fica identificável porque se registra em escritura pública no cartório de registro de imóveis

O início do Caos

Caos é um vazio obscuro e ilimitado que antecede e propicia a geração do mundo.

Este mundo ilimitado que desconhecemos, este vazio obscuro que sentimos é justamente o ser na busca da unidade.

Quando iniciamos o combate interior deslocamos vários elementos.

O “jogo” da mesma forma, entra em desequilíbrio, em desordem, o que propicia a geração do mundo, mundo este que será reinado pelo consciente porque só haverá reinado quando o homem compreender sua dualidade.

O conflito se desenrola na busca dessa consciência e esta iniciativa desequilibra toda a harmonia estática colocando todo o universo interior em movimento.

É a manifestação física entrando no mundo físico cheio de emoções e é como um quebra-cabeças espalhado pelo chão. É o “Ser ou não ser eis a questão” em Hamlet de Sheakspear.

Mergulhar nesse combate sem consciência, pode gerar grandes perturbações porque trata-se de um Oráculo que nos revela através de sua linguagem divina, o caminho para o encontro com a unidade divina.

“Quantas guerras terei de vencer
por um pouco de paz?
E amanhã este chão que eu beije
vou saber se valeu delirar e morrer de paixão.
E assim o mundo vai ver
uma flor brotar do impossível chão”
(*M. Cervantes, em Dom Quixote de la Mancha*)

Então começamos a montar e juntar parte por parte de nós e cada parte que pegamos devemos senti-la, meditar e compreender sua missão em nós, eliminando passo a passo, nossas imperfeições pois desta forma conseguiremos cada vez mais nos auto-conhecer.

Os caminhos do autoconhecimento revelam grandes potencialidades boas e más, dependendo onde operamos.

Na verdade, para haver harmonia é preciso passar pelo caos e esta passagem é um combate. E este combate junta a essência do bem e do mal que possuímos e, apenas o vencedor conhecerá o esplendor da consciência cósmica e o universo do qual é composto.

Somente então poderemos compreender o real significado da palavra perdida, AMOR.

Seu real valor não pode ser pronunciado deve ser sentido pelos que buscam a luz na escuridão porque esta é a luz que anima a alma do homem. A escuridão são nossas entranhas cheias de desejos e paixões que alimentam somente o ego afastando o ser primordial de seu lugar como semelhança, gerando a discórdia, as guerras, transportando de seus interiores para o convívio da humanidade.

Logo tudo aquilo que melhoramos em nós, melhoramos a nossa volta e a nossa volta melhora a sua volta e assim em diante,

até que talvez um dia realize o sonho dos grandes iniciados, com um mundo evoluído convivendo como uma confraria.

Mas é somente dentro da grandeza humana que reside todo este paraíso, todo este ser em sua plenitude. Após a batalha, o jogo, a guerra, ao confronto consigo mesmo, é que florescerá este homem do reino super-hominal e distante do reino animal. Então será possível realizar este encontro para implantar o amor na confraria mundo com liberdade, igualdade e fraternidade.

(Na mesma obra de N. Rudolfo).

Capítulo XII

Nossa Contribuição Para a União dos Maçons

A história do GISEH

O Grupo Independente Sobre Estudos Herméticos-(GISEH), tem seu pseudônimo, inspirado numa Instituição Esotérica fundada na França no século XVIII, por Grandes Ocultistas da Sublime Ordem Rosa Cruz, cujos estudos influenciaram os intelectuais brasileiros pela tenacidade e inteligência do Ir. Antonio Olívio Rodrigues fundador do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento, na cidade de São Paulo, no principio do século passado.

Em 1959, as duas Potências Maçônicas historicamente ativas no Rio Grande do Sul, desde 1835, GOB.´. e GOERGS.´. e mais a M. R. Grande Loja Maçônica, fundada em 1928 celebraram na cidade de Rio Grande, na Centenária Benemerita Augusta e Respeitável Logia Capitular “União Constante”, jurisdicionada ao GOERGS,´. a União da Maçonaria Brasileira.

Esse ideal infelizmente não se consolidou por razões de relacionamentos internacionais.

Tal situação, desde então ocupou o meu pensamento e eu cheguei a conclusão de que este ideal de todos os Iir.´. Riograndenses, só seria possível se a iniciativa partisse da base para cima, independente de maiores compromissos, além da obediência dos Iir.´. às autoridades maçônicas da potencia simbólica a que estivesse filiado, e da fraternal amizade e estreita colaboração cultural e filantrópica ou beneficente; entre os Chefes destas Potências Maçônicas tradicionalmente existentes neste Estado, e quiçá no Brasil.

Em 1960 transferi meu domicílio com minha família para esta acolhedora cidade de Porto Alegre, e ingressei na Ben.´. Aug.´. e Resp.´. Loja Frederico II, nº 54, onde conquistei

grandes amigos, e bons irmãos chegando até a Ven.´.Mestr.´. em 1980.

Naquela época, eu sofria as dificuldades de uma transformação tão grande na vida, qual seja a de mudar de residência para outra cidade; então é natural que procurasse também instituições religiosas, filosóficas, ou místicas; e foi por isso que ingressei na AMORC, e também conheci uma Instituição nascente chamada “Serpente de Bronze”, que reunia Maçons das 3 potências desta capital.

O nome era inspirado em um grau avançado do Rito E.´.A.´.A.´. e ali se discutiam assuntos maçônicos que ocultam segredos iniciáticos.

O ideal era elevado, os Irmãos eram seletos o local vedado à vistas profanas e a discrição total.

Hoje nem sei se ainda existe, mas por algum tempo reuniu-se no Planetário, e ali o Mestre Domingos Rubbo 33, pontificava os seus ensinamentos; mas eu já não frequentava mais com regularidade.

Então, com essa disposição um pequeno Grupo de Ilr.´. MMest.´. ativos da Loj.´. Frederico II nº 54 se reuniam discretamente na Sociedade Espírita “Ramiro d Ávila”, nesta cidade de Porto Alegre/RS, em 1.966, por tanto a mais de 40 anos.

Eram apenas 5 Ilr.´.:Damon Pinheiro Michalski, e sua esposa (falecida, em 1981) Gerson Oliveira, (já falecido), Álvaro Reis Ennes do Valle, Eugenio Gwer, (falecido) e Eu, com minha esposa (falecida em 1980)

Na mesma época o Carsmº.´. Il.´.e Pod.´. Ir.´. João Evangelista Pureza, (já falecido) também se reunia com alguns Ilr.´. em seu escritório e procurava criar o Movimento dos Maçons Operativos - (MOP).

Reunidos os dois empreendimentos, mas já sem a presença das cunhadas, foi possível alcançar o número suficiente de onze (11) Ilr.´.e fundar o Grupo Independente Sobre Estudos Herméticos

(GISEH), em 11 de março de 1986 e registrar o Estatuto naquele mesmo ano, surgindo assim uma pessoa jurídica de direito privado, com sua administração privativa para Mestres Maçons.

São Fundadores: - Os Iir. MM. Álvaro Reis Ennes do Valle, Ângelo Munhoz, Arcy Souza da Costa, Hamilton Rodrigues Ruivo, José Carlos Gonçalves da Motta, Julio Arão Soares da Silva, Labib Hallal, Lucio Gaspar Castro Costa, (Falecido) Nelson Pinto de Mello, Walton Araujo Borges, e Eu.

Homenageado: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

(com o título de Cavaleiro da Legião Sagrada)

FUNDADORES HONORÁRIOS:

João Evangelista Pureza (Presidente de Honra)

Sergio Alexandre d Almeida (Ex-Em. GM. do GOB/RS.)

João Carlos Miranda

Damon Pinheiro Michalski

Atividades:

Durante estes 25 anos conseguimos realizar alguns eventos significativos, voltados ao público em geral, e aos nossos CCar. Iir. em particular.

Realizamos, na Aug. e Resp. Loj. Simb. Sabedoria e Prudência 78, da GRLMRS., reuniões onde transmitimos aos nossos Iir. o resultado de nossos estudos sobre simbolismo e liturgia dos graus simbólicos; montamos em nossa sede provisória, instalações onde podíamos estudar com tranquilidade e discrição as ciências profanas que tem relações com a nossa Subl. Inst. - mas impossibilitados de mantermos os encargos de uma sede alugada passamos por um período de dificuldades, reunindo-nos em minha residência e na sede do Grêmio Beneficente da Maçonaria (GBM), por gentileza especial de seu Presidente Car. Ir. Arthur Hanshahan.

Editamos a revista GISEH impressa e virtual na Internet, sob o site: www.giseh.com.br - mas não conseguimos mantê-

la com regularidade, por não termos recebido, infelizmente a colaboração financeira indispensável;

Comparecemos à eventos nacionais em Curitiba sobre Ufologia científica, representando o nosso Instituto de Cosmobiologia Social, onde tivemos oportunidade de pronunciar palestras perante muitos PHDs brasileiros e estrangeiros recebendo felicitações por nossas afirmativas;

Também o fizemos nas cidades de Rio Grande, e Santa Cruz do Sul; - realizamos eventos nesta capital, recebendo a colaboração e a presença da revista UFO, e do Presidente do NPU, Dr. Rafael Curi, de Curitiba/PR, além da palestra do Dr. Nelson Villena Granado, médico, engenheiro e PHD em física quântica pela Universidade de São Paulo; e a do ufólogo, tratadista e psicólogo Dr. Ernesto Bonno;

Promovemos no Hotel Açores nesta capital, evento onde pronunciaram conferencias os CCar.´. Iir.´. Engº. Arcy Souza da Costa, prof. de engenharia de sistemas na UFRGS, falando sobre Radiestesía; prof. Euclides Goulart Nunes Pereira, geógrafo, sobre as consequências do aquecimento global, entre outros temas correlatos; Dr. Antonio Carlos Benites Lopes, hoje, nosso Presidente Executivo, sobre vestígios arqueológicos de possível civilização extra terrestre;

Promovemos uma exposição das obras de pintores populares, nos altos do mercado público, obtendo a colaboração espontânea dos proprietários do restaurante A TABERNA;

Pronunciamos palestras sobre temas de simbologia e liturgia maçônica em Lojas das potencias maçônicas oficiais no Rio Grande do Sul;

Presenteamos um mimo, felicitando cada um dos GG.´.MM.´. pela passagem do ano novo;

Consolidamos o costume salutar de plantar árvores nos dias 20 de agosto comemorativos do Maçom; (Iniciativa esta que partiu da Ben.´.Aug.´. e Resp.´. Loj.´.Simb.´. ”Sabedoria e Prudência nº

78”, na administração do Ven.´. Ir.´. Julio Arão Soares da Silva, e foi depois continuada pelo nosso Grupo GISEH, e que esperamos continue sendo apoiada pelos Maçons Unidos das 3 Potências, neste Estado;

Estivemos presentes por convite especial na sede do Grande Oriente do Uruguai, em Montevidéu, onde fomos fidalgamente recebidos e deixamos uma placa de prata alusiva a nossa visita;

Entregamos uma placa de prata em homenagem ao aniversário dos almoços da Maçonaria Unida, na sala de banquetes do GOB;

Convidados pelo Vereador nosso Car.´. Ir.´.Bernardino Vendrúsculo, comparecemos à cerimônia da inauguração do monumento à paz, erguido, por iniciativa sua, na Azenha esquina Ipiranga, em homenagem aos MMAç.´. tombados naquele lugar em 1835, na revolução farroupilha durante o combate da Azenha, na tomada de Porto Alegre, pelos Farrapos, quando IIr.´.lutavam em lados opostos;

E recentemente brindamos a Maçonaria Unida com uma taça de Espumante na sobremesa do almoço do GOB, comemorando o dia do Maçom.

Queremos também assinalar e agradecer a colaboração e incentivo que sempre nos dispensaram os GGr.´.MM.´. da Subl.´.Ordem, neste Estado, sem o que, nos seria impossível existirmos tanto tempo; e que rogamos nunca nos falte doravante; mas na qualidade de Maçons Operativos, é indispensável a filiação e colaboração efetiva e ativa, dos IIr.´. das três Obediências neste Estado, a fim de podermos levar a bom termo o nosso Ideal maçônico de cumprir o nosso Dever e servir a Humanidade.

Por isso apelamos com veemência à todos os nossos IIr.´., independente dos graus que possuírem, à se filiarem ao nosso Grupo, permitindo-nos, com as luzes de seus conhecimentos profanos, esclarecer-nos sobre os avanços científicos no alvorecer do novo século.

A filiação ao nosso Grupo é simples, basta preencher uma ficha de identificação com o endereço para correspondência e indicar o Instituto que deseja integrar; e a atividade que mais lhe interessa.

O Grupo mantém os associados, informados sobre todos os assuntos científicos relevantes pertinentes ao Instituto escolhido.

O Grupo não trata de assuntos políticos partidários e rejeita ideologias materialistas; e não permite manifestação alguma externa, de caráter maçônico sem o expresso consentimento dos Grão- Mestrados.

A contribuição anual é de R\$ 50,00.

Desde já, vos antecipamos o nosso agradecimento pela vossa indispensável colaboração, e apoio de vossa Oficina.

Composição atual do Giseh em 2011

FUNDADORES:

Álvaro Reis Ennes do Valle

Ângelo Munhoz

Arcy Souza da Costa

Atílio dos Santos Oliveira

Hamilton Rodrigues Ruivo

José Carlos Gonçalves da Motta

Julio Arão Soares da Silva

Labib Hallal

Lucio Gaspar Castro Costa (Falecido)

Nelson Pinto de Mello

Walton Araujo Borges

CONSELHO DELIBERATIVO:

Presidente: Dr. Hamilton Rodrigues Ruivo M.I. 30

11 Conselheiros:

Marco Antonio Pfitscher

Walton Araujo Borges
Nelson Pinto de Mello
João Vilmar Batista
Natan Press
Julio Arão Soares da Silva
Solicrates Duarte
Nicolau Lutz Borges Neto
José Carlos Gonçalves da Motta
Álvaro Reis Ennes do Valle

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Presidente: Dr. Antonio Carlos Bentes Lopes. M.I 18°
Vice-Presidente: Bel. Alcebíades Prado do Canto 33
Tesoureiro (pró-tempore): Bel. Pedro Carlos Moreira M.M
Secretário: Eng° Arcy Souza da Costa M.I. 33

Congregação

Diretor geral:

Bel. Attilio dos Santos Oliveira - M. 'I.' 33

Consultoria Emérita

Dr. Ismael Pedroso Brizola M.I. 33

Dr Casemiro Tondo M.M.

Dr. Moacir Costa de Araujo Lima M.M. '.

Dr. João Vilmar Batista

INSTITUTOS:

Arqueologia e História Oculta

Direito Optativo - (Lei Maciel)

Ecologia Política

Cosmobiologia Social

Estudo de Fenômenos Indeterminados

Centro Maçônico Irradiação mental.

(Em formação).

Os Ilr. que nos quiserem visitar serão sempre bem recebidos fraternalmente, e convidados a participarem de nossas meditações.

SÓCIOS CONSELHEIROS:

Ângelo Munhoz

Álvaro Reis Ennes do Valle

Alcebiádes Prado do Canto 33 GORGS,

Antonio Augusto Thadeu Bandeira

Antonio Carlos Benites Lopes M.I. 18 GLRS,

Antonio Marçal Bonorino Figueiredo

Arcy Souza da Costa

George Carlos Mombach M.M. GLRS.

Hamilton Rodrigues Ruivo

Ivan Castro de Souza M.M. 33 GORGS.

Ismael Pedroso Brizola M.I. 33 GLRS.

João Rodrigues de Lima M.I. 18 GLRS.

João Vilmar Batista M.M. 30 GLRS.

José Carlos Gonçalves da Motta

Julio Arão Soares da Silva

Labib Hallal

Luiz Antonio Rebouças dos Santos M.M. 30 GLRS.

Marco Antonio Pfitscher M.M. 33 GORGS.

Natan Press M.M. 33 GORGS

Nelson Pinto de Mello

Nicolau Borges Lutz Netto

Pedro Carlos Moreira

Roger Nelson Abrantes M.M. GLRGS.

Solicrates Duarte M.M. GORGS.

Walton Araujo Borges

Epitácio Torres M.M. GLRS.

Total de Sócios Conselheiros = 23 Conselheiros

Novas tentativas de união

Novas tentativas de união da Maçonaria gaúcha, foram feitas neste Estado, pelas autoridades maçônicas, apoiadas nos princípios que não feriam as condições legais da nossa Sublime Ordem no mundo.

Na mesma ocasião, na sede do GOB./RS, os III.°. e PPod.°. Iir.°. Sergio Alexandre d Almeida Ex-Em.°.Gr.°.M.°.do GOB.°.; Arthur Hanshahan da GLMERS.°.Fundador e Presidente do GBM; Assis Morari Abis, Ex-Em.°.Gr.°.Mestr.°. do GOB.°. (já falecido), se reuniam ao meio-dia, em todas as sextas-feiras para um almoço de confraternização, que foi recebendo um número cada vez maior de Iir.°.e o apoio das autoridades maçônicas do GOB, e em breve os Iir.°. das três Potências passaram também a frequentar aquele almoço.

Nem nós do futuro GISEH, nem os Iir.°. do MOP, nos conhecíamos mais do que aos outros, mas todos convergiam para o mesmo ideal como se uma força “astral” superior nos mostrasse o caminho do possível; e esta força superior e irresistível tornaria realidade o ideal almejado por todos.

Nosso ideal deu frutos, e o desejo dessa união, acalentada por todos os MM.°. Rio-Grandenses, várias vezes, tentada por nossas autoridades maçônicas, foi alcançado, quando todos os irmãos reunidos diante da mesa fraterna e acolhedora do GOB.°. , possibilitaram aos três Grão Mestres, IIL.°. e PPod.°. Iir.°. Rui Silvio Stragliotto, da G.°.L.°.M.°.RGS.°.; Mario Juarez Oliveira, do GOB/RS; e Juracy Vilela de Souza, do GOERGS, concordarem em se unirem para obras filantrópicas, culturais e recreativas, nas bases já estabelecidas pelo costume, dos Iir.°. ; surgindo assim a Maçonaria Unida do Rio Grande do Sul, cujos alicerces se firmam na poderosa União fraterna, e prontos para suportarem as paredes do edifício, segundo a planta e a maquete que nossos Iir.°. Maiores planejaram, determinaram e denominaram: “Maçonaria Unida”; mas para nós permanece o termo “Maçons

Unidos” porque este não causa constrangimento algum, enquanto aquele envolve situações e compromissos complexos de natureza internacional, privativas da alta administração da Maçonaria Universal, e de antanho encravados na História; razão por que não nos cabe conhecer, bastando-nos apenas confiar em nossos Irmãos Maiores.

Assim, desde aquela era remota, até hoje os Iir.´. das 3 Potências MMAç.´.gaúchas, se reúnem, sem formalidades, ao meio-dia, na sede do GOB.´. à Av. Washington Luiz, nº 214, para o já tradicional almoço das sextas-feiras.

NOTA: “Por iniciativa da Ilustre Deputada Leila Feter foi instituído por lei aprovada e sancionada, o dia 8 de dezembro como dia da “Maçonaria Unida” no Rio Grande do Sul”.

Fim do primeiro volume.



35 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970 / 3268 7803

 /EditAlcance



rossyr@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540